



Universidades Lusíada

Coelho, Catarina Teixeira

Personalidade e valores em adolescentes

<http://hdl.handle.net/11067/4408>

Metadados

Data de Publicação

2018

Resumo

Resumo: Emergência: Traços de personalidade e valores humanos são duas dimensões psicológicas fundamentais para a compreensão das diferenças individuais, tendo sido associados em várias investigações como preditores de uma ampla gama de resultados comportamentais. Todavia, estes dois construto foram maioritariamente estudados de forma isolada, limitando o campo de compreensão das suas inter-relações. Objetivo: Assim, o objetivo estudo foi compreender a associação entre as diferentes dimensões d...

Abstract: Emergency: Personality traits and human values are two psychological dimensions that are fundamental to the understanding of individual differences, having been, in multiple studies, associated as predictor for a wide range of behavioural results. However, both constructs were mainly studied in an isolated fashion, limiting the field of understanding of their inter-relations. Objective: Therefore, the focus of the study was in understanding the association between differentes dimensio...

Palavras Chave

Psicologia, Psicologia clínica, Avaliação da Personalidade, Adolescentes, Valores, Teste psicológico - Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI), Teste psicológico - Inventário de Temperamento e Carácter de Cloninger (ITCC), este Psicológico - Inventário de Temperamento e Carácter-Júnior (JTCl), Teste psicológico - Minnesota Multiphasic Personality Inventory - Adolescente (MMPI-A), Teste Psicológico - Inventário do Temperamento e Carácter (TCI)

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T08:22:57Z com informação proveniente do Repositório

AGRADECIMENTOS

Quero começar por agradecer a todos os que contribuíram direta e indiretamente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, fonte diversa de aprendizagem. A elaboração da dissertação é a última etapa a ser realizada, pelo que está resulta de um processo autónomo e, ao mesmo tempo, de maturação do conhecimento nesta tão vasta ciência que é a psicologia.

Aproveito esta deixa, para começar por agradecer com um carinho muito especial ao meu orientador, Prof. Dr.^a Paulo Moreira, testemunha participante na minha formação académica, na qualidade de professor, mas também na orientação e supervisão do processo de redação da dissertação. Agradeço ainda o apoio, a compreensão, pelo saber, pelo estímulo intelectual e pelas significativas experiências partilhadas para a realização deste trabalho!

À Dami, à Márcia e à Natacha... “Para sempre”, as amigas da faculdade..., pelo apoio, companheirismo e amizade... Por essa grande amizade se ter revelado preciosa na elaboração deste documento! Quero ainda agradecer a todas as pessoas que fizeram parte do meu percurso académico, até aquelas que, por circunstâncias da vida se ausentaram para sempre, mas que tiveram um contributo significativo no meu crescimento enquanto ser humano.

Às minhas queridas e grandes amigas, Bruna, Maria e Raquel, agradeço o facto do meu caminho se ter cruzado com o vosso, embora optassem por escolhas académicas diferentes, hoje e amanhã serão a minha referência de amizades verdadeiras! Não esquecerei isso!

Ao meu grande amigo, Jorge Vassalo, que me acompanhou desde os meus 14 anos, na construção da pessoa que hoje sou.

Aos meus restantes Amigos...especialmente ao meu querido amigo João Cruz (os que estão próximos, mas também os que estão longe!) pela amizade, pela partilha de valores, pela atenção e preocupação, por estarem sempre disponíveis!

Quero ainda agradecer aos meus pais, por tudo o que me ensinaram e pelos valores que me inculcaram. Obrigada por tudo o que fizeram e pela disponibilidade infinita! À minha mãe, por me aturar nos momentos mais difíceis e acreditar sempre em mim! Ao meu pai pela exigência e demonstração de saber, que é um modelo daquilo que tenciono ser no futuro! Aos meus irmãos pela descontração com que vivem, ídolos de paz a seguir! Ao meu cão, pela companhia, carinho e a importância que tem na minha vida. À minha avó, por tudo. Quero ainda deixar um agradecimento também à restante família, por simplesmente fazerem parte da minha vida.

Aqueles que partiram na nova viagem, mas que ainda hoje os sinto, quero deixar um enorme agradecimento! Para sempre, com muitas saudades!

Por último, sem querer ferir suscetibilidades, quero agradecer a DEUS, por tudo. OBRIGADA por este longo percurso e pelo que ainda está para vir!

Finalizo, esta etapa de coração cheio!

Um Muito OBRIGADA a todos!

ÍNDICE

Lista de Abreviaturas	v
Resumo.....	vi
Abstract	vii
1. Introdução	8
1.1. Valores	11
1.1.1. Valores e a adolescência.....	28
1.2. Personalidade	34
1.2.1. Modelo psicobiológico de Robert Cloninger	38
1.3. Valores e Personalidade	46
1.4. Objetivos e Hipóteses.....	58
2. Metodologia	59
2.1. Participantes	59
2.2. Instrumentos	61
2.3. Procedimentos	63
4. Resultados	67
5. Discussão dos resultados.....	71
Referências	83

Lista de tabelas

Tabela 1- Tipos motivacionais do modelo de Schwartz.....	9
Tabela 2- Características sociodemográficas dos participantes.....	66
Tabela3- Características sociodemográficas da família nuclear dos participantes.....	66
Tabela 4- Correlações de Pearson dos Valores e da Personalidade.....	74
Tabela 5- Apresentação dos resultados relativos às diferenças de género ao nível dos valores.....	75

Lista de abreviaturas

BES- *Bem-Estar Subjetivo*

CO – *Cooperativeness* (Cooperação)

HA – *Harm Avoidance* (Evitamento do Perigo)

ITCC – *Inventário de Temperamento e Caráter de Cloninger*

JTCI – *Junior Temperament and Character Inventory*

MFC – *Modelo dos Cinco Fatores*

MMPI-A – *Minnesota Multiphasic Personality Inventory – Adolescent*

NS – *Novelty Seeking* (Procura de Novidade)

PS – *Persistence* (Persistência)

RD – *Reward Dependence* (Dependência de Recompensa)

SD – *Self-Directedness* (Auto-directividade)

SOC – *Sense of Coherence*

ST – *Self-transcendence* (Auto-transcendência)

TCI – *Temperament and Character Inventory*

Resumo

Emergência: Traços de personalidade e valores humanos são duas dimensões psicológicas fundamentais para a compreensão das diferenças individuais, tendo sido associados em várias investigações como preditores de uma ampla gama de resultados comportamentais. Todavia, estes dois construtos foram maioritariamente estudados de forma isolada, limitando o campo de compreensão das suas inter-relações. **Objetivo:** Assim, o objetivo do estudo foi compreender a associação entre as diferentes dimensões de personalidade e os valores em adolescentes. **Metodologia:** **Participantes:** Participaram neste estudo 313 indivíduos (189 do sexo feminino e 124 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos, a frequentarem o 7.º ano até ao 12.º ano de escolaridade. **Instrumentos:** Utilizou-se a versão portuguesa do Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI) para a mensuração dos valores, de acordo com a tipologia de Schwartz e para as dimensões de personalidade recorreu-se à versão portuguesa do Inventário de Temperamento e Caráter- Junior (JTCI) de Robert Cloninger. **Resultados:** Os resultados demonstraram correlações significativas entre as dimensões de personalidade e os valores, apesar de fracas. No que concerne às diferenças de género em relação aos valores os resultados demonstraram diferenças significativas, sendo os valores de ordem mais relevantes para o sexo masculino e os de poder para o sexo feminino. **Conclusão:** De acordo com o esperado, concluiu-se que existem associações entre as dimensões de personalidade do modelo psicobiológico de Cloninger e os valores.

Palavras-Chave: Personalidade, Valores, Adolescência, Modelo Psicobiológico.

Abstract

Emergency: Personality traits and human values are two psychological dimensions that are fundamental to the understanding of individual differences, having been, in multiple studies, associated as predictor for a wide range of behavioural results. However, both constructs were mainly studied in an isolated fashion, limiting the field of understanding of their inter-relations. **Objective:** Therefore, the focus of the study was in understanding the association between differentes dimensions of personality and the values. **Methodoly:** **Participants:** Participated in this study 313 individuals (189 female and 124 male) with ages between 12 and 20 years old, studying between the 7th to the 12th grades. **Instruments:** We used the Portuguese version of the Inventory of values of 20 items (IVVI) for the measurement of values, according to the typology of Schwartz and for the dimensions of personality appealed to the Portuguese version of the Temperament and character inventory-Junior (JTCI) of Robert Cloninger. **Results:** The results showed significative correlations between the dimensions of personalty and the values, although weak. As for the genre differences between the values, the results showed significant differences between them, being the value of Order more relevant to the male genre and the value of Power more significant for the female genre. **Conclusion:** According to expectations, we can conclude the existences of the association between dimensions of personality in the Cloninger biopsychological model and the values.

Keywords: Personality, Values, Adolescence, Psychobiological Model

1. Introdução

As repercussões das mudanças assinaladas no estudo da personalidade, normal ou patológica, tem sido um domínio particularmente apreciado no panorama científico. Admitindo que a psicologia procura compreender as bases motivacionais do comportamento humano, através da análise e mensuração dos processos psicológicos envolvidos nas respostas comportamentais, a personalidade, do ponto de vista científico, deve ser considerada uma variável preponderante para a compreensão do indivíduo, enquanto produto único e autónomo.

Quer isto dizer que, através da compreensão da personalidade, é possível descrever, explicar e prognosticar o comportamento dos indivíduos por meio da construção de modelos teóricos que conduzem a regras ou procedimentos metodológicos de análise do comportamento a aferir.

Paralelamente, quando se aborda o construto personalidade, de acordo com a investigação, ressalta a ideia de uma predisposição duradoura que motiva os padrões característicos de interação do indivíduo com o ambiente (Goldberg, 1993; Olver & Mooradian, 2003; Parks & Guay, 2009).

Tal afirmação permite depreender que a personalidade deve ser considerada uma estrutura organizativa, composta pelos diferentes sistemas (biológico, cognitivo, emocional e comportamental), que permitem caracterizar o indivíduo e sustentar a sua homeostase, daí a sua relevância em investigações clínicas.

Nesta linha de raciocínio, o propósito do estudo da personalidade resulta da necessidade de construção de uma teoria potencialmente sistemática e preditiva que explica a tendência do indivíduo para se comportar de uma determinada maneira e assim antecipar o curso das suas respostas. No entanto, o que torna as coisas complicadas é o facto de, à semelhança de outros conceitos em psicologia, existe uma ampla difusão do conceito personalidade e como resultado existe uma diversidade de modelos conceptuais que procuram adjetivar o comportamento humano.

Ainda assim, convido o leitor a ter em linha de conta que, desde a introdução do conceito de traços de personalidade reconhecido por Allport (1937) como diferentes disposições relativamente estáveis para descrever e explicar as características do indivíduo (Parks & Guay, 2009), que diversas variáveis externas foram incluídas na investigação

com o intuito de analisar as possíveis influências que tecem na explicação do comportamento.

Em consequência, começa-se a assumir que as diferenças existentes nos traços individuais podem ser sistemáticas e preditivas implicando outros domínios - comportamento social e a tomada de decisão –, assistindo-se a uma preocupação cada vez maior em avaliar estas disparidades (Anaya & Pérez-Edgar, 2018).

Tal facto constitui-se um ponto essencial para estabelecer uma ligação a cerca da importância da construção de modelos teóricos mais abrangentes que incluam outros constructos, sendo os mesmos fundamentais para oferecer visão mais compreensiva da personalidade.

Na tentativa de impulsionar modelos mais integrativos da personalidade, as investigações têm demonstrado que os valores devem ser considerados como uma variável relevante para a compreensão das diferenças individuais (McAdams & Pals, 2006; Parks-Leduc, Feldman, & Bardi, 2015; Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Esta afirmação justifica-se por várias razões.

Primeiramente, diz respeito aos estudos que correlacionam estas duas variáveis serem escassos (Aluja & Garcia, 2004; Parks & Guay, 2009; Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Uma das justificações advêm das dificuldades existentes para a mensuração da variável valores, implicando um custo adicional ao nível do tempo gasto para a investigação, especialmente para os investigadores em que os valores não são o interesse primário (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Ainda assim, importa salientar que os valores humanos básicos têm apresentado diversas correlações com variáveis sociodemográficas e sócio culturais, nomeadamente com a idade, género, nível socioeducacional, orientação política e religiosa (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). De igual modo, têm também sido associados como preditores de uma ampla gama de comportamentos subjacentes à tomada de decisão (Savig & Schwartz, 2006; Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Apesar de tais resultados promissores, a quantificação da pesquisa relacionada aos valores ficou aquém de outros construtos que procuram compreender as diferenças individuais, como é o caso dos traços de personalidade (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Na mesma medida, algumas investigações têm igualado os traços de personalidade com a personalidade, todavia rapidamente esta ideia foi suprida, uma vez que os traços

da personalidade por si só não são suficientes para o desenvolvimento de um modelo holístico e compreensivo da personalidade (Schwartz, 2006, 2011, 2017).

Do mesmo modo, surge também a necessidade de incluir os valores como uma categoria nosológica para avaliação e integração nos modelos da personalidade, isto porque se sabe que os valores predizem determinados comportamentos.

Algumas investigações sustentam esta afirmação pois encontraram padrões de fortes correlações entre os valores e traços de personalidade associados à motivação (Parks & Gruay, 2009), à tomada de decisão (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017), à religião (Roccas, Sagiv, Schwartz, & Knafo, 2009), ao bem-estar subjetivo (Haslam, Whelan, & Bastian, 2009), ao consumo de álcool (Dollinger & Kobayashi, 2003), à atração social (Boer et al., 2011) e aos comportamentos ambientais e políticos (Schwartz, Caprara, & Vecchione, 2010).

Na linha do referido anteriormente, a relevância do estudo em questão não se prende única e exclusivamente com a falta de estudos que se preocupam com a mensuração das ditas variáveis. Mas sim, pela eventual relação intercausal da personalidade e dos valores, afectando assim o comportamento do indivíduo (Parks & Guay, 2009; Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Por outras palavras, este estudo procura examinar as similaridades e diferenças dos construtos (personalidade e valores) clarificando ao nível literário e estatístico as suas relações. Ao mesmo tempo, procura compreender as influências que os valores e a personalidade apresentam na predição comportamento humano, propósito último da psicologia.

Recentemente, uma metanálise encontrou fortes correlações entre os valores e o modelo Big Five da personalidade, apesar de terem concluído que se tratam de dois construtos distintos (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Acresce que, ao contrário da personalidade, os valores dependem essencialmente de aspetos culturais e geográficos de cada país, existindo assim uma variedade de hierarquias de valores que representam o funcionamento social de cada país ou área geográfica (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Já a personalidade desenvolve-se ao longo da infância e adolescência fruto dos processos neuroquímicos, fisiológicos e ambientais, que tendem a estabilizar ao longo da vida.

Tais resultados fornecem um importante avanço nesta área e mostram a importância do estudo da personalidade e os valores como intercessores das diferenças ao nível do funcionamento humano.

Com efeito, esta abordagem mais abrangente fornece uma visão mais holística do indivíduo e também contribui para uma melhor compreensão de como a personalidade e os valores afectam diferencialmente e predizem o comportamento humano.

Do mesmo modo, sendo a adolescência um processo de maturação dos processos psicobiológicos, esta investigação revela-se fulcral, uma vez que procura concluir se os valores afectam e influencia a personalidade em adolescentes, devendo os primeiros ser considerados uma dimensão relevante para a avaliação da personalidade.

Assim sendo, atendendo à falta de estudos que se debruçam sobre a relação entre a personalidade e os valores em adolescentes, nomeadamente estudos que têm por base o modelo de Cloninger sobre a personalidade, considera-se que esta investigação é pertinente, na medida em que apresenta evidências empíricas sobre esta matéria. Mas também do ponto de vista social, dado que proporciona um maior conhecimento da relação entre a personalidade e os valores nesta população, podendo contribuir para melhores práticas de intervenção em psicologia clínica.

1.1.Valores

Os valores têm sido considerados um conceito central na literatura para explicar a mudança e a organização social (Schwartz, 2012), sendo utilizados para a caracterização ao nível cultural, grupal e/ou individual, cujo o objetivo último é rastrear as mudanças ao longo do tempo através da compreensão das bases motivacionais subjacentes às atitudes e comportamentos dos indivíduos (Schwartz, 2012).

Além disso, por se tratar de um construto abstrato e estar interligado ao desenvolvimento de crenças, juízos e ações que se formam ao longo do desenvolvimento (Schwartz, 2011), a sua definição também se torna intemporal.

De acordo com o autor Rokeach (1973) os valores devem ser conceptualizados como crenças superiores, estados finais da existência ou comportamentos desejáveis.

Uma segunda definição foi Schwartz e Bilsky (1990) que consideraram os valores como propósitos, tipos motivacionais ou metas desejáveis que influenciam a forma como o indivíduo interpreta os eventos e as circunstâncias da vida, bem como o modo como se comportará face aos eventos quotidianos.

Já, no ponto de vista de Scott (1991) e Gouveia (1998) os valores devem ser considerados como esquemas mentais (Daniel *et al.*, 2013).

Na verdade, como se pode verificar todas as definições de valores variam de acordo com o modelo que os próprios autores defendem. Apesar de tudo, independentemente da vertente de concetualização, todos as definições téóricas consideram os valores como características individuais relativamente estáveis, existindo ainda poucos estudos que procuram perceber os fatores que conduzem ou contribuem para a mudança de prioridades face aos valores (Daniel *et al.*, 2013).

Mais recentemente, os autores Warren e Wray-Lake (2017) afirmam que quando se fala de valores estes subjazem a princípios e estruturas categóricas que variam de indivíduo para indivíduo e que divergem quanto ao grau de importância sendo, no entanto essenciais para o núcleo da identidade pessoal.

Ora, em concordância com os autores, pode-se depreender que os valores definem o indivíduo, influenciam a sua tomada de decisão e, em consequência, o comportamento. Ao mesmo tempo, o total de comportamentos e atitudes que o indivíduo expõem variam de acordo com as crenças e os juízos que o próprio desenvolveu, no contacto do organismo com o seu contexto. Quer isto dizer que, os valores predizem e influenciam os comportamentos dos indivíduos através da exposição do organismo aos estímulos contextuais e, portanto, cada indivíduo apresenta o seu sistema de valores.

Adicionalmente, o sistema de valores é organizado hierarquicamente resultado de aspectos culturais e geográficos de cada país, que surgem no contacto do indivíduo com o seu contexto social (Schwartz *et al.*, 2013).

Segundo a literatura, os autores Veccione *et al.* (2016) salientam que a natureza dos valores humanos básicos diz respeito a crenças abstratas relativas a metas desejáveis e trans-situacionais que se assumem como princípios orientadores na vida do indivíduo. Para estes mesmos autores, os valores exercem influência nas atitudes e comportamentos do indivíduo, sendo essenciais para a sua autodefinição (Veccione, *et al.*, 2016).

Nesta linha de raciocínio, Warren e Wray-Lake (2017) defendem que os valores são princípios orientadores que coordenam as ações, sendo necessário estudar os fatores que influenciam a natureza dos valores para assim conseguir compreender e justificar os comportamentos subjacentes.

À semelhança de Veccione *et al.* (2016), também Daniel *et al.* (2013) referem que os valores são conceitos abstratos, podendo também ser entendidos como crenças que transmitem o que o indivíduo entende ser importante para si.

Allport, Vernon e Lindzey (1951; Gregory, 2004) foram os primeiros a objetivar o construto de valores, associando-o a atividades do quotidiano descritas como preferências estáveis que ordenam o curso dos comportamentos.

Neste âmbito, os autores Allport, Vernon e Lindzey desenvolveram um instrumento que objetivou avaliar a força relativa dos valores, designada por a Escala do Estudo dos Valores (Gregory, 2004). Relativo à composição da escala, está apresentava 30 questões que pretendia colocar um valor contrário ao outro. Esta escala também permitia hierarquizar os valores através de 15 perguntas. Deste modo, os resultados obtidos enquadravam-se nas 6 categorias de valores teorizado por este autor- teórico (T), económico (E), estético (A), social (S), político (P) e religioso (R) (Gregory, 2004).

No entanto, as críticas apresentadas a este instrumento prendiam-se, essencialmente, com o facto de os valores utilizados serem demasiado vagos e gerais (Gregory, 2004).

Com base neste trabalho, o autor Milton Rokeach (1973) definiu 5 pressupostos com o intuito de compreender como é que o indivíduo organizava o seu sistema de valores.

Primeiramente, considera que o número total de valores que um indivíduo apresenta é relativamente pequeno; segundo, todos os indivíduos apresentam a mesma estrutura de valores, diferenciando quanto ao grau de importância; terceiro, os valores podem ser organizados num sistema; quarto, a natureza dos valores humanos resulta da cultura e da sociedade em que está inserido, mas também das características dos traços de personalidade; quinto, a forma como os valores se manifestam trata-se de um fenómeno que importa analisar (Rokeach, 1973; Elias, 2010).

Na perspectiva deste modelo, um valor é uma crença duradoura relativo a uma ação comportamental ou estado final desejado, sendo este estado final deliberado pela dimensão pessoal e social.

Elencando novamente o autor Rokeach (1973), este propõe dois tipos de valores: instrumentais e terminais. Os primeiros dizem respeito à forma como o indivíduo atua para conseguir alcançar um objetivo estando relacionados com aspectos morais e competências como, por exemplo, a honestidade e a responsabilidade; ao passo que, os segundos representam as necessidades da natureza humana, sendo associados a questões sociais e pessoais, como é o caso do desejo de ter uma vida confortável (Rokeach, 1973; Elias, 2010). Enquanto que os valores instrumentais foram definidos com base na condensação de traços de personalidade; já os valores terminais foram criados a partir das

abordagens impressionistas (Gregory, 2004). No seu sistema de valores, Rokeach (1973) sugere 36 valores, 18 em cada dimensão.

De forma a conseguir aceder ao sistema de valores individuais, o autor construiu o Questionário de Valores, em que é pedido às pessoas para ordenarem estes valores apresentados de acordo “com o grau de importância, enquanto princípios que guiam a sua vida”. Os resultados representam a hierarquia de valores de cada pessoa, em que valores mais baixos indicam menos importância do valor. Os valores deixam assim de ser considerados tipologias estáveis e fixas e passam a ter uma maior flexibilidade na medida em que cada pessoa cria a sua hierarquia de valores.

Outra perspetiva de pensamento foi o autor Inglehart (1997) que propõe uma associação entre as necessidades básicas e o sistema de valores, utilizando para isso a pirâmide de necessidades de Maslow (1970). Nesta linha, o autor distingue dois tipos de valores: valores materialistas e valores pós-materialistas; partindo da ideia de que os valores surgem das mudanças ocorridas na história das sociedades.

Desta forma, sugere que na base dos valores da sociedade estão as questões materialistas associadas às necessidades de estabilidade económica e à coesão social, sendo que no topo enquadram-se os valores pós-materialistas que só surgem quando os anteriores atingiram um certo nível de satisfação (Inglehart, 1997), conforme observamos na pirâmide de Maslow(1970), enquanto que os valores pós-materialistas dizem respeito à qualidade de vida, participação na tomada de decisão e realização profissional (Elias, 2010).

Face ao exposto, torna-se evidente, no meu entender, que apesar das teorias de valores divergirem na forma como sistematização o processo de funcionamento dos valores, a totalidade dos modelos parece revelar algum consenso na conceptualização dos valores enquanto orientações ou bases motivacionais que guiam, explicam e justificam, atitudes, normas, opiniões, bem como a acção humana.

No entanto, pela carência de definições teórico-conceituais validadas empiricamente, Schwartz (1992) propõe um modelo de valores inovador, com base no questionário e teoria de Rokeach (1973; Schwartz, 1998).

Para Schwartz e Bilsky (1987), os valores são representações cognitivas de três tipos de necessidades humanas universais: necessidades biológicas do organismo, necessidade de interação social para a regulação das relações interpessoais e necessidades sócioinstitucionais, que visam o bem-estar e sobrevivência do grupo. Isto é, os autores definem os valores como conceitos ou crenças que dizem respeito a estados desejáveis ou

comportamentos que transcendem situações específicas e que orientam o indivíduo na seleção ou avaliação de comportamentos e acontecimentos.

Assim sendo, os valores representam, de acordo com os autores, um conjunto de motivações que são universais aos indivíduos, independentemente do seu contexto cultural (Schwartz & Bilsky, 1994).

Schwartz (1999) define valores como concepções do desejável que guia os indivíduos socialmente na seleção das ações, na avaliação do grupo social e dos acontecimentos do quotidiano. Sendo estes princípios basilares para a justificação das ações e avaliações que o indivíduo constrói do seu meio envolvente.

Nesta perspetiva o autor caracteriza os valores como critérios ou objetivos trans-situacionais ordenados enquanto critérios hierárquicos segundo o grau de importância orientando assim os princípios do funcionamento e gestão dos acontecimentos (Schwartz, 2011).

Neste sentido, o modelo de Schwartz adota uma perspetiva estrutural-constructivista, ou cognitivo-desenvolvimentista, e coloca a tónica na componente cognitiva da moralidade, sendo, talvez, o principal modelo de referência nos dias de hoje (Lourenço, 2002; Caprara, et al, 2017). O mesmo autor (2010) estudou os valores entre diferentes culturas e numa primeira fase identificou 10 valores motivacionais comuns a todas as culturas, no qual cada valor corresponde um objetivo motivacional central, diferenciando ainda os valores baseados em ansiedade dos valores sem ou livres de ansiedade (Schwartz, 2010; 2012; Daniel *et al.*, 2013). Os primeiros são orientados por motivações que decorrem de ameaças, ao passo que, os segundos promovem o crescimento pessoal (Daniel *et al.*, 2013).

A taxonomia de valores motivacionais de Schwartz coloca o foco na meta ou preocupação motivacional teorizando que os valores básicos são organizados num sistema coerente que pode ajudar a justificar o processo de tomada de decisões, atitudes e comportamentos individuais ou coletivos. Essa estrutura coerente surge do conflito social ou psicológico, mas também da congruência entre valores que as pessoas testam quando são obrigadas a tomar decisões quotidianas (Schwartz, 1992; 2006; 2012).

Assim, Schwartz (1994) identificou 10 tipos motivacionais e os respetivos valores, bem como a fonte das necessidades humanas (Schwartz, 2011). A primeira e a segunda colunas da Tabela 1 exposta de seguida sistematizam os 10 valores básicos identificados na teoria e as suas definições concetuais. Esses valores provavelmente serão universais, uma vez que se encontram fundamentados em um ou mais dos três requisitos universais

da existência humana com o qual o indivíduo lida diariamente- necessidades dos indivíduos como organismos biológicos, requisitos de interação social coordenada e necessidades de sobrevivência e bem-estar dos grupos (Schwartz, 2005). Cada valor é fundamentado em um ou mais desses três requisitos universais da existência humana (Schwartz, 1994). Atente-se à tabela que se segue.

Tabela 1:

Tipos motivacionais do modelo de Schwartz

Valor	Definição	Baseado na ansiedade (BA) ou Sem Ansiedade (SE)	Fonte
Poder	Status social e prestígio, controle e domínio sobre os outros e também de recursos.	BA: Controlar ameaças	Organismo, Interação, Grupo
Segurança	Proteção, segurança, harmonia e estabilidade da estrutura social, dos relacionamentos e do <i>eu</i> .	BA: Alcançar previsibilidade	Organismo, Interação, Grupo
Conformidade	Inibir ações e incentivos que possam violar expectativas, normas sociais e perturbar ou prejudicar outras pessoas.	BA: Evitar conflitos	Interação
Tradição	Respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias fornecidos pela cultura tradicional ou religião.	BA: Manter a ordem social	Grupo
Hedonismo	Procura de prazer e satisfação e gratificação sensorial para si mesmo.	SE	Organismo
Estimulação	Excitação, desafios quotidianos (ousadia, excitação), abertura à mudança	SE	Organismo
Autodeterminação	Pensamento independente e liberdade de escolha das ações, criação e exploração das opções	SE	Organismo, interação
Universalismo	Compreensão, apreciação, tolerância e proteção do bem-estar da comunidade, bem como da natureza.	SE	Organismo, Interação, Grupo

Benevolência	Preservação e valorização do bem-estar com quem se está em contato pessoal e social frequentemente.	SE	Organismo, Interação, Grupo
Realização	Ter sucesso pessoal, demonstrar competência de acordo com padrões sociais.	BA ou SE	Organismo, Interação e grupo

Adaptado de “Are There Universal Aspects in the Content and Structure of Values?” de S. H. Schwartz, 1994, *Journal of Social Issues*, 50, p. 22.

O modelo teórico de Schwartz (1992) também prevê uma estrutura dinâmica entre os tipos motivacionais de forma que as pessoas tendam a apresentar alta prioridade para tipos motivacionais mutuamente compatíveis e baixa prioridade para tipos motivacionais que entram em conflito (Schawartz, 2011). Portanto, a prioridade dada aos tipos motivacionais não se estabelece de forma aleatória, mas de forma coerente com os domínios motivacionais. Para os autores, a priorização simultânea de alguns domínios incompatíveis levaria a antagonismos (Schwartz, 2011). Tendo por base a teoria motivacional dos dez valores elencados por Schwartz, Caprara *et al.* (2017) salientam que estes podem ser integrados e organizados em quatro dimensões amplas, que mais tarde foram recodificadas no modelo.

Veja-se, por exemplo, o poder e a realização são dois valores que enfatizam o autoaperfeiçoamento; por sua vez, o universalismo e a benevolência realçam a autotranscendência dos interesses pessoais e a promoção do bem-estar dos outros, que podem ser distinguidos em relação ao seu grau de preocupação para com os outros (benevolência), enquanto que o universalismo caracteriza-se pela preocupação para com o mundo, o todo, sendo por isso mais holístico; já a segurança, a tradição e a conformidade são valores que priorizam o estabelecimento e continuidade do *status quo*; e por fim, mas não menos importante, a autodireção, estimulação e hedonismo valores que enfatizam a abertura à mudança (Caprara et al., 2017). Com base no referido, pode-se concluir que os valores apresentam-se como uma organização dinâmica que influencia o sujeito ao nível individual e grupal. Não obstante, é esta interação que gera antagonismos entre os valores colectivos e os valores individuais.

Assim, de acordo com Schwartz (1994), os valores são aquilo que o indivíduo considera importante no seu núcleo de existência humana e, portanto, cada indivíduo apresenta uma estrutura de valores específica, e mesmo que partilhe valores com outros indivíduos, estes podem diferenciar-se ao nível do grau de importância (Biber, Hupfeld & Meier, 2008; Schwartz, 2011).

A taxonomia existente no modelo de Schwartz contribuiu de forma significativa para a afirmação da psicologia social e também para a importância dada atualmente ao estudo dos valores (Lee *et al.*, 2017). Nos termos desta modelo, os valores formam uma taxonomia estrutura circular que assenta num *continuum* motivacional circular e a qual capta os conflitos e a compatibilidade entre as motivações expressas e os valores individuais (Lee *et al.*, 2017).

Como se pode constatar na estrutura motivacional, quanto mais próximo um tipo motivacional estiver de um outro, maior a probabilidade de compatibilidade e quanto mais afastado, maior a probabilidade de estabelecer uma relação conflitiva (Lee *et al.*, 2017).

Na estrutura motivacional os cinco tipos de valores que expressam interesses individuais (autodeterminação, estimulação, hedonismo, realização e poder social) ocupam uma área adjacente que é oposta aquela reservada aos três conjuntos de valores que expressam primariamente interesses coletivos (benevolência, tradição e conformidade) (Tamayo & Schwartz, 1993). Os tipos motivacionais segurança e universalismo, constituídos por valores que expressam interesses tanto individuais como coletivos, situam-se nas fronteiras destas duas áreas. Schwartz e Bilsky (1987; 1990) postulam compatibilidade entre os tipos de valores adjacentes (por exemplo, estimulação e hedonismo, tradição e conformidade) e conflito entre os tipos de valores situados em direções opostas (exemplo: estimulação e conformidade, hedonismo e tradição) (Tamayo & Schwartz, 1993). A procura simultânea de valores pertencentes a áreas adjacentes é compatível porque todos esses valores estão ao serviço de um mesmo interesse e possuem metas conciliáveis (Tamayo e Schwartz, 1993; Bardi & Schwartz, Bardi & Danioni, 2016). Assim, por exemplo, o poder e a autorrealização, procuram a superioridade e a estima social; a tradição e a conformidade perseguem ambas; já a submissão a normas e o autocontrole (Tamayo e Schwartz, 1993; Schwartz, 2011).

Pelo contrário, a busca simultânea de valores situados em áreas opostas na estrutura motivacional representada na Figura 1 é conflitiva, porque eles estão a serviço de interesses opostos (Tamayo e Schwartz, 1993; Schwartz, 2011). A preservação da estabilidade e das práticas tradicionais, presente nos valores do tipo tradição, estão em oposição e por isso entram em conflito, com a procura de mudança e de novidade, que é o núcleo dos valores do tipo estimulação (Barni & Danioni, 2016).

Posteriormente, Schwartz (1992) propôs agrupar os valores em quatro setores no círculo de valores, que formam duas dimensões bipolares. A primeira dimensão contrasta

os valores autotranscendentes (universalismo e benevolência) com os valores de autoaperfeiçoamento (poder e realização) (Schwartz et al., 2012). Na segunda os contrastes ocorrem entre a abertura para a mudança de valores (estimulação e autodiretividade) e os valores de conservação (tradição, conformidade e segurança) - o hedonismo fica localizado no meio das dimensões: abertura para a mudança e autopromoção (figura 2) (Schwartz et al., 2012).

Recentemente, devido às críticas tecidas ao modelo, Schwartz et al. (2012) aperfeiçoaram e recodificaram a teoria básica de valores dando maior ênfase ao *continuum* de valores. Nesta versão Schwartz et al. (2012) propôs distinguir entre 19 valores dividindo alguns dos 10 valores em valores mais estritamente definidos, como por exemplo, o valor segurança foi dividido em segurança pessoal e de segurança social (Schwartz et al., 2012). Os autores também introduziram dois novos valores, mais definidos, entre alguns valores já anteriormente referidos. Face, foi definida como um novo valor localizado entre a segurança e o poder, e a humildade foi definida como um novo valor entre conformidade e benevolência (Schwartz et al., 2012). Os autores afirmam que esta nova repartição dos valores acrescenta um valor significativo na predição de atitudes.

A nova recodificação do modelo motivacional de Schwartz organiza-se da seguinte forma no círculo mais externo estão agrupados os valores em dois grandes grupos: os que estão relacionados com a proteção do self (parte interior) e com os relacionados em lidar com a ansiedade; ainda assim pode-se constatar também que são organizado neste novo modelo com base na outra metade superior relacionados com o autodesenvolvimento, não estando por isso correlacionados com o sistema de ansiedade (Schwartz et al., 2012). O círculo seguinte distingue entre os valores voltados a resultados para a própria pessoa (à esquerda) e os que estão orientados para os resultados para as outras pessoas ou instituições (à direita). A teoria refinada compartilha com a teoria original o fato de os 19 valores mais estreitamente definidos abrangerem o mesmo contínuo motivacional proposto pelos 10 valores originais (Schwartz et al., 2012).

A partir desta concepção teórica, Schwartz e colaboradores (2017) contrastaram empiricamente o conteúdo e a estrutura de seu modelo de valores através do desenvolvimento de um instrumento de mensuração do construto.

Num primeiro momento o instrumento utilizado foi o chamado Schwartz Value Survey (Inventários de Valores de Schwartz, SVS). Contudo, Schwartz e Bilsky (1987, 1990), nas primeiras investigações sobre as estruturas de valores utilizaram a escala de

valores de Rokeach (1973; Rokeach Value Survey – RVS), revelando-se insuficiente, uma vez que está continha uma ampla gama de diversidade de valores.

Para dar resposta as limitações tecidas pela escala de Rokeach, surge o Inventário de Valores de Schwartz (SVS) criado com o objetivo de avaliar os 10 valores básicos de uma forma mais diferenciada (Granjo e Peixoto, 2013; Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Ao responderem a este inventário os participantes eram convidados a ordenar os valores com base na hierarquia e grau de importância pessoal. Este instrumento revelou muito boas qualidades psicométricas, prevalecendo ainda hoje como um dos instrumentos mais persuasivos para a medição dos valores (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Schwartz e Sagiv (1995), afirmam que, desde o início da década de noventa, o SVS foi utilizado num grande número de investigações internacionais, nas quais se verificaram os pressupostos da teoria de valores de Schwartz. O SVS demonstrou ser uma ferramenta versátil para pesquisas transculturais (Campos e Porto, 2010).

No entanto, este instrumento foi, posteriormente, aprimorado para o questionário de perfis de valores PQV- 40 (Portrait Questionnaire Value-40), dando continuidade à validade transcultural do modelo (Campos e Porto, 2010). O PQV-40, foi desenvolvido para ser aplicado a crianças a partir dos 11 anos, idosos e pessoas com níveis de escolaridade baixo (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Apesar da criação de novos instrumentos, este instrumento pode ainda ser utilizado para verificação do modelo dos valores de Schwartz e testando o grau de validade do modelo, bem como do instrumento independentemente do questionário selecionado pelo investigador (Schwartz, 2006a, 2006b, 2011).

O PVQ-40 inclui descrições verbais de quarenta pessoas que abrangem os dez tipos motivacionais de Schwartz, indicando metas, aspirações ou desejos direcionados para a importância dos valores correspondentes (Schwartz, 2005; Schwartz et al., 2001). Este instrumento foi desenvolvido com o intuito de ser mais específico, uma vez que o objetivo seria descrever as particularidades, da própria pessoa e, desta forma inferir se as características individuais se encontram relacionadas com o género (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Neste âmbito, com a criação do PVQ-40 tornou-se assim mais fácil relacionar os traços da personalidade com os valores, pois os segundos organizam-se de acordo com o perfil de personalidade (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). No entanto, várias investigações revelaram a necessidade de reduzir as escalas para que existisse uma

relação entre os traços de personalidade, inteligência e autoestima, dando assim origem, primeiramente, ao PVQ-21 (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Todavia, após serem realizadas as comparações psicométricas entre este instrumento e o PQV-40 concluiu-se que esta versão apresentava alguns problemas, ao nível da estabilidade e validade, não evidenciando assim características adequadas para a sua utilização (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Perante as fragilidades psicométricas evidenciadas pelo PQV-21 surgiu a necessidade de adaptar e organizar a escala dando assim origem Twenty Item Value Inventory (TwIVI) (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Esta escala demonstrou convergência e maior robustez nos construtos avaliados, em comparação com as versões mais longas (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). A versão utilizada na presente investigação baseia-se no TwIVI designada por Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI) e encontra-se em fase de aferição para a população portuguesa (Moreira & Cunha, em preparação), que será descrito posteriormente no estudo.

Acresce que, a literatura que disserta sobre este conceito coloca em evidência diversas concepções, perspectivas e opiniões. Foi perante a diversidade existente de definições conceituais de valores, algumas das quais entravam em conflito e eram totalmente contraditórias, isto é, não defendiam a mesma ideia, que Hinz *et al.* (2005) e Perrinjaquet *et al.* (2007; Gouveia, Milfont & Guerra, 2014), em busca de alguma coerência e consenso face ao conceito de valores, defenderam a existência de seis a oito tipos de valores motivacionais.

Por outro lado, outros teóricos que se debruçaram sobre o mesmo tema (Caprara, Alessandri & Eisenberg, 2012; Strack & Dörmann, 2012), entenderam que os valores comportam duas dimensões bipolares, o que significa duas dimensões em pólos opostos, e de ordem superior: autotranscendência/autoaprimoramento e conservação/abertura.

No âmbito desta matéria, importa salientar que a teoria dos valores de Schwartz contribuiu fortemente para a afirmação da psicologia social, nomeadamente em relação aos valores humanos.

Efetivamente, esta conceptualização da taxonomia de valores apresentou evidências empíricas, conceituais e metodológicas que permitem esquematizar uma série de valores universais (Maio, 2010; Gouveia, Milfont & Guerra, 2014; Schwartz, 2011; Schwartz, *et al.*, 2012).

Através das investigações realizadas por Schwartz e outros investigadores que os valores começaram a ser encarados de outra forma na psicologia social e transcultural, com um papel igualmente necessário ao nível individual e pessoal (Schwartz, 1992, 2005; Schwartz & Boehnke, 2004).

De acordo com o modelo proposto pelo teórico, existem seis características essenciais aos valores (Schwartz, 1994):

- Servem de padrões, orientando a avaliação de ações, de pessoas, de políticas e de acontecimentos, embora tal não aconteça de forma consciente;
- São ordenados de acordo com uma hierarquia e grau de importância;
- São crenças e as quais estão associadas ao afeto;
- São metas que motivam a ação;
- As ações são conduzidas por diversos fatores, pois ninguém se orienta por um só valor;
- Transcendem as ações e situações específicas.

Tendo por base o contributo de vários teóricos e suas investigações, a teoria dos valores proposta por Schwartz resultou em diversas configurações do conceito de valor e as quais foram sendo alteradas ao longo do tempo.

De acordo com Gouveia, Milfont e Guerra (2014), realizaram diversas críticas ao modelo motivacional de Schwartz explicando que, inicialmente, Schwartz e Bilsky (1987) identificaram sete tipos de valores motivacionais; já Schwartz (1992) identificou 10 valores; e dois anos mais tarde, este (Schwartz, 1994) considerou a existência de 11 tipos de valores motivacionais.

Uma década depois, mais concretamente em 2012, os autores referem que Schwartz *et al.* (2012) identificaram 19 tipos de valores motivacionais (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014) (na tabela 1 foram apresentados os 10 principais valores propostos por Schwartz). Foi mediante esta contestação que Gouveia, Milfont e Guerra (2014) desenvolveram a teoria funcional de valores humanos básicos, assumindo que se trata de uma melhoria dos modelos de valores predominantes, nomeadamente do modelo proposto por Schwartz (Schwartz, 2014).

Estas críticas, bem como outras, como se poderá verificar ainda neste ponto, não foram indiferentes para o autor do modelo criticado – Schwartz –, tendo merecido a sua atenção e tendo sido comentadas pelo próprio (Schwartz, 2014). Foi num artigo publicado

em 2014, focado exclusivamente na teoria funcional dos valores, que Shalom Schwartz (2014) se defende das críticas tecidas, as quais, no seu ponto de vista, foram por eles apontadas (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014) mas, no entanto, não foram justificadas pelos autores que criticaram o modelo de Schwartz, referindo ainda que a teoria funcional é utilitária, mas não é mais funcional do que a teoria por si desenvolvida.

No que respeita às funções desempenhadas pelos valores humanos, a teoria de Gouveia, Milfont e Guerra (2014) – a teoria funcional – entende que estes assumem duas funções essenciais. Para estes autores, existem valores que têm como objetivo orientar ações (isto é, que têm em conta os objetivos a alcançar, como os objetivos pessoais e sociais): estabelecer vínculos com os outros, tendo a capacidade para tomar decisões pessoais com vista à própria sobrevivência; resistir às tentações que provêm de outros grupos; e dar sentido aos diversos significados presentes nas interações sociais.

Por seu turno, também existem valores que objetivam expressar necessidades (como as necessidades de sobrevivência ou as necessidades prósperas) (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014). Esta dimensão está associada à “expressão de necessidades que ameaçam a sobrevivência do indivíduo, o grupo social imediato e a espécie, se não preenchida, como as necessidades básicas biológicas e sociais (por exemplo, comida, autocontrolo), bem como necessidades que se tornam mais importantes quando as necessidades básicas são abordadas (Baumeister, 2005; Maslow, 1954; Welzel, Inglehart, & Klingemann, 2003; Gouveia, Milfont & Guerra, 2014, p. 42).

Para melhor compreensão e conhecimento dos principais valores, Gouveia (2013, p. 132) identificou os valores como padrão-guia de comportamentos, dividindo-os em metas pessoais (o indivíduo por si mesmo), metas centrais (o propósito geral da vida) e metas sociais (o indivíduo na comunidade). A cada uma destas metas, o autor fez corresponder as respetivas necessidades idealistas (a vida como fonte de oportunidades) e as necessidades materialistas (a vida como fonte de ameaça) (Gouveia, 2013):

- Metas pessoais: Necessidades Idealistas – Experimentação, Emoção, Prazer e Sexualidade; Necessidades Materialistas – Realização, Êxito, Poder e Prestígio;
- Metas centrais: Necessidades Idealistas – Suprapessoal, Beleza, Conhecimento e Maturidade; Necessidades Materialistas – Existência, Estabilidade, Saúde e Sobrevivência;
- Metas sociais: Necessidades Idealistas – Interativa, Afetividade, Apoio Social e Convivência; Necessidades Materialistas – Normativa, Obediência, Religiosidade e Tradição.

Depois de reconhecidas as duas funções inerentes aos valores, Gouveia, Milfont e Guerra (2014) apresentam uma teoria funcional dos valores humanos que procura explicar as características da estrutura do domínio de valor. Esta teoria defende que as duas funções dos valores – funcional e expressão de necessidades – formam dimensões funcionais distintas: A primeira dimensão delinea o *círculo de metas*, considerando o tipo de orientação que os valores servem ao conduzir os comportamentos humanos (objetivos pessoais, centrais ou sociais).

Na abordagem funcional, salientam-se os valores pessoais e sociais (Rokeach, 1973; Gouveia, Milfont & Guerra, 2014) em que, no primeiro caso, o indivíduo se centra em si próprio e os seus valores são intrapessoais (por exemplo, uma vida excitante e harmonia interna); e no segundo, o indivíduo centra-se na sociedade, priorizando valores interpessoais (por exemplo, valoriza uma amizade verdadeira e deseja um mundo pacífico). Nesta dimensão, os valores traduzem-se numa “referência central para os outros valores no sentido de que eles expressam os propósitos gerais da vida correspondentes a necessidades básicas (por exemplo, sobrevivência) e a necessidades mais gerais (por exemplo, auto-realização)” (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014, p. 42).

Ao passo que a segunda dimensão define o *nível de necessidades*, tendo por base o tipo de valores motivacionais que servem para representar, cognitivamente, as necessidades humanas. Estas funções estão associadas à evolução do desenvolvimento humano (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014). Os valores relacionados com esta dimensão, tendo em conta as necessidades existentes, podem ser classificados de valores materialistas, ou pragmáticos, expressando “necessidades básicas biológicas e sociais, como a aquisição de alimentos e controlo, garantindo a sobrevivência do indivíduo, do grupo social imediato e da espécie” (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014, p. 42). Os valores materialistas estão associados a objetivos práticos específicos e a normas, pelo que os indivíduos que priorizam estes valores têm tendência para pensar na sua sobrevivência (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014).

Por sua vez, os valores humanitários, ou idealistas, “expressam necessidades que se tornam mais salientes quando as necessidades básicas são abordadas (Inglehart, 1977; Maslow, 1954), incluindo necessidades de informação, autoestima e estimulação intelectual e emocional (Baumeister, 2005)” (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014, p. 42). Estes valores fundamentam-se em princípios e ideias mais abstratas, estando associados

à criatividade e à abertura. Os indivíduos que privilegiam estes valores são menos dependentes de bens materiais (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014).

Portanto, os valores materialistas surgem associados às necessidades de sobrevivência, a par de os valores humanitários surgem associados a necessidades prósperas.

Uma vez mais, em resposta às críticas tecidas à sua teoria dos valores, Schwartz (2014) salienta que Gouveia, Milfont e Guerra (2014) assumem como primeira dimensão da sua teoria – a “orientação que os valores servem ao guiar os comportamentos humanos (objetivos pessoais, centrais ou sociais)” (Gouveia et al., 2014, p. 42) – o que se verifica na sua teoria, a teoria motivacional dos valores humanos de Schwartz.

Além disso, Gouveia, Milfont e Guerra entendem que os valores centrais, aos quais Schwartz se refere como uma mistura de orientações pessoais e sociais, não têm nenhuma utilidade para os objetivos pessoais nem sociais, sendo a fonte de referência para outros valores (Schwartz, 2014).

Já em relação à segunda dimensão contemplada na teoria funcional de valores de Gouveia, Milfont e Guerra (2014, p. 42) – o “tipo de motivação que os valores servem quando representam cognitivamente as necessidades humanas” –, esta também é contemplada na teoria dos valores proposta por Schwartz, no qual a representação cognitiva das necessidades humanas é assumida como uma função-chave dos valores (Schwartz, 2014).

Acresce que, Schwartz (2014) advoga que a teoria funcional diferencia dois tipos de necessidades – de sobrevivência (a vida enquanto fonte de ameaças) e de prosperidade (a vida como fonte de oportunidades) –, distinção esta que se sobrepõe à diferenciação entre os valores de autoproteção (os que evitam a ansiedade e ameaça) e os valores de crescimento (auto-expansão). Ou seja, para ele as necessidades prósperas não são o mesmo que os valores de crescimento.

A respeito dos valores, Gouveia, Milfont e Guerra (2014) referem que as dimensões funcionais podem ser representadas por meio de uma estrutura de três por dois, ou seja: três metas amplas, as quais incluem as metas pessoais, centrais ou sociais; e as duas necessidades amplas (como as necessidades de sobrevivência ou as necessidades prósperas). Por meio da interação entre as metas e as necessidades, surgem seis subfunções específicas ou valores básicos (Gouveia, Milfont & Guerra, 2014):

- Valores de existência: Referem-se às necessidades fisiológicas mais básicas e à necessidade de segurança, indo de encontro aos objetivos pessoais e sociais, no âmbito das necessidades de sobrevivência, na medida em que os valores da existência visam assegurar as condições básicas para a sobrevivência biológica e psicológica individual;
- Valores de promoção: Estes valores destacam necessidades de sobrevivência e focam-se em objetivos pessoais, derivando de uma orientação pessoal e materialista, sendo fulcrais para assegurar a auto-estima;
- Valores normativos: Estes valores realçam as necessidades de sobrevivência, mas têm o seu foco nas metas sociais, refletindo a importância de se preservar a cultura e as normas convencionais;
- Valores suprapessoais: Estes valores enfatizam os objetivos centrais e expressam necessidades prósperas, sendo a fonte de referência para os valores de excitação e para os valores interativos;
- Valores de excitação: Estes valores estão associados a necessidades prósperas e que se focam nas metas pessoais, pelo que os indivíduos que adotam estes valores não se orientam segundo metas materiais;
- Valores interativos: Estes valores representam necessidades prósperas com foco nas metas sociais, desempenhando um papel fundamental na regulação, estabelecimento e continuidade dos relacionamentos interpessoais.

Na verdade, Gouveia, Milfont e Guerra (2014) criticaram o modelo de valores proposto por Schwartz, acusando-o de falta de equilíbrio e de ser comedido.

No entanto, o autor entende que esta crítica à sua teoria possa fazer sentido, caso se considere que a teoria dos valores apresenta uma simples e unificadora ideia que apenas integra o que é essencial (Schwartz, 2014). Contudo, crítica Gouveia, Milfont e Guerra (2014) por se referirem a distintos subconjuntos de valores dissemelhantes como se dimensões se tratassem, o que na sua opinião não é verdade. Aquilo a que Gouveia, Milfont e Guerra (2014) chamam de dimensões, para Schwartz (2014) são contrastes que descrevem as relações dinâmicas entre os valores que explicam a sua ordem circular.

Schwartz (2014) realça que a teoria funcional dos valores impõe uma restrição ao dividir o *continuum* de valores. Afirma ainda que a teoria funcional (a qual foi apresentada por Gouveia, Milfont e Guerra) falha em dois aspetos essenciais: em primeiro lugar, não contempla a componente em que os valores formam um *continuum* motivacional circular,

no qual o círculo ordena esses mesmos valores em função da compatibilidade entre o conflito e as motivações que estes expressam; e em segundo, esta teoria apresenta uma segunda lacuna quanto à dinâmica que explica a ordem dos valores e do respetivo conteúdo (Schwartz, 2014).

São vários os estudos sobre valores, sendo muitos deles estudos transculturais (Schwartz, 2005; Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017), que demonstram que a teoria básica de valores de Schwartz, demonstra ser a que têm mais consistência e promove mais benefícios ao nível da investigação (Parks e Guay, 2009).

Tal como expusemos anteriormente, Gouveia, Martínez, Meira e Milfont (2001) testaram a estrutura e o conteúdo da tipologia de Schwartz (1992) por meio de análise fatorial confirmatória, e os resultados permitiram concluir que a teoria é adequada, apesar de os índices de adequação do modelo não serem excepcionais (GFI=0,87 e RMSR=0,08) (Porto e Tamayo, 2007). Tendo sido confirmadas as relações de compatibilidade, mas as relações de conflito foram apenas parcialmente confirmadas (Porto e Tamayo, 2007).

Schwartz e Boehnke (2004) também realizaram um teste do modelo por meio da análise fatorial confirmatória, utilizando o LISREL. Os resultados apontam para a confirmação de toda a teoria, incluindo as relações de conflito entre os tipos motivacionais. Os autores sugerem que o modelo apresenta uma estrutura circular, em que o valor tradição assume uma posição periférica em relação ao valor de conformidade, é o mais adequado (Schwartz & Boehnke, 2004).

Assim sendo, os resultados dão suporte para se trabalhar com as dimensões bipolares (Schwartz & Boehnke, 2004). Um resultado que acrescenta ao modelo teórico refere-se ao teste da relação de hedonismo com os dois fatores de ordem superior "Abertura à mudança" e "Autopromoção". Os dados apontam que Hedonismo relaciona-se mais fortemente com "Abertura à mudança" (Schwartz & Boehnke, 2004). Enquanto que o hedonismo está focado mais na procura "livre das experiências de prazer e menos interesse na competitividade de prazer" (Schwartz e Boehnke, 2004, p. 252).

Nos estudos realizados por Porto e Tamayo (2007) os resultados fortalecem a teoria de valores humanos, ou seja, os indivíduos apresentam uma estrutura geral de valores e, a partir dela, estruturas específicas são formadas para contextos específicos e significativos da vida da pessoa (Porto e Tamayo, 2007).

Em suma, concluiu-se que o modelo motivacional de Schartz constituiu-se como um importante avanço para uma teoria unificadora a cerca da motivação humana que tem

sido ampliada e mobilizada para a compreensão dos valores humanos em diferentes culturas (Swchartz, 2012).

Ao longo do enquadramento teórico foi descrito a estrutura das relações circulares e dinâmicas dos valores humanos proposto por Swchartz que a investigação transcultural tem demonstrado consenso relativo às relações dos 10 valores básicos, bem como a composição da hierarquia de valores.

Na grande maioria, os valores de benevolência, universalismo e autodirecionamento aparecem no topo da hierarquia e os valores de poder, tradição e estimulação aparecem na parte inferior. Estas conclusões induzem à interpretação de que os aspectos da natureza humana e do funcionamento social desempenham um importante papel e modam as prioridades dos valores individuais que são amplamente co-partilhados entre as culturas (Schartz, 2014).

Em conclusão, os valores são uma componente central no nosso eu e na personalidade, sendo igualmente um conceito distinto ao nível das atitudes, crenças e normas, e podem ser considerados como o “flip switch”, isto é o axioma de motivação dos comportamentos e atitudes dos indivíduos, tal como Swchartz intitula.

1.1.1. Valores e a adolescência

Voltando o eixo da atenção para os valores na adolescência, percebemos que estes são fundamentais para a construção da identidade, contudo existe uma lacuna na literatura específica sobre o desenvolvimento dos valores na adolescência, pelo que iremos abordar os valores na perspectiva do desenvolvimento moral e da construção da identidade.

Ericsson (1972) refere que a construção da identidade implica a definição de quem a pessoa é, quais os seus valores e quais as direções deseja seguir na vida. Entende assim, o autor, que a identidade é uma conceção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está comprometido. Sendo a adolescência um marco para a construção da identidade, o passo fulcral na transformação do adolescente em adulto produtivo e consciente. Caracteriza-se assim, a adolescência, como um período de construção de valores morais e de interesse por problemas éticos e ideológicos.

Baseando-nos nas teorias cognitivistas do desenvolvimento moral, dando ênfase às teorias de Piaget e Kohlberg, tendo como base o pressuposto de que o desenvolvimento pressupõe transformações básicas das estruturas cognitivas, enquanto totalidades organizadas num sistema de relações, das quais conduzem a formas superiores de

equilíbrio, resultantes de processos de interação entre o organismo e o meio. Os estudos realizados sobre o desenvolvimento moral debruçam-se sobre a construção de modelos teóricos que expliquem os processos que orientam a adoção de valores individuais nas diversas esferas da atividade humana (Martins e Branco, 2001).

Nos anos vinte, Piaget, foi pioneiro ao interessar-se pelo desenvolvimento moral da criança, o seu estudo baseou-se na observação de um grupo de crianças a jogar ao berlinde. Para o autor a moral consiste num sistema de regras, que deve ser respeitado pelo indivíduo que segue as regras, sendo essa a essência da moralidade. Os resultados obtidos no estudo levaram a que o Piaget concluiu-se que a criança evolui de uma moral heterogénea, estruturada na autoridade e respeito unilateral pelos adultos (6-8 anos), para uma moral autónoma baseada na sensibilidade ao outro e na justiça (8-11 anos) esta moral evoluiria entre os 11-12 anos com as considerações de equidade e reciprocidade (Martins 1995; Piaget, 1997). O primeiro estágio, denominado de desenvolvimento moral heterónimo ou realismo moral, assenta num processo unilateral caracterizado pelo receio de coação ou censura condicionante de determinado agir. Ao segundo estágio de desenvolvimento moral autónomo ou moral subjetiva, a criança por vontade própria adota um comportamento cooperante, gerador de reciprocidade (Piaget, 1997, 1997 (a); Smith e Blades, 1998).

Posteriormente Kohlberg, baseando-se no trabalho de Piaget, estudou, também o desenvolvimento moral. Kohlberg (1992) afirma que tal como o desenvolvimento cognitivo ocorre por estágios também o desenvolvimento moral se manifesta pela evolução de estágios. O autor propõe seis estágios de raciocínio moral, podendo ser agrupados em três níveis: pré-convencional, convencional e pós-convencional. No nível pré-convencional, o indivíduo, define o certo e o errado, apoiado somente nos seus interesses, o que inclui o medo da punição. Neste nível inclui-se o estágio 1 em que o indivíduo obedece às normas sociais por medo do castigo, denominado de moralidade heterogénea; e o estágio 2 em que o indivíduo tem um raciocínio moral egocêntrico e segue as normas refletindo a cerca dos próprios interesses, considerado estágio do individualismo. No nível convencional a ação moral correta (valores) é baseada nas convenções e regras sociais determinadas pelos sujeitos reconhecidos como autoridade ou instituições reconhecidas socialmente (Kohlberg, 1992). O indivíduo formula os juízos morais tendo por referência as regras e expectativas do grupo social. Estão aqui incluídos o estágio 3 caracterizado pela necessidade de cumprir com aquilo que os sujeitos esperam, havendo uma consciência inicial de que os interesses coletivos são superiores aos

individuais, denominado estágio de orientação; e estágio 4 em que a perspectiva moral se desenvolve na direção da manutenção da ordem social e do que é proposto pelas autoridades. Por fim, o nível convencional, o sujeito é guiado a agir por princípios morais universais, pautados pela reciprocidade e pela igualdade. Sendo o pensamento regido por princípios (valores) morais e éticos e não por regras sociais, que serão, somente aceites, se estiverem fundamentadas pelos valores gerais. Este nível contempla o estágio 5, em que o contrato social e os direitos individuais, são considerados como orientadores morais e o estágio 6 caracterizado pelos princípios éticos universais.

Vale (2002) refere que Piaget defendia a perspectiva que o processo de moralização implicava uma escolha (um procedimento ativo) individual na procura de soluções justas.

A transmissão das regras e valores é igualmente enfatizada por Piaget que reflete que, estas, na sua maioria são transmitidas às crianças unilateralmente pelos adultos, e que a adotam como suas sem nenhum sentido crítico ou filtro moral (Vale, 2002). Afirma ainda o autor que tal não sucede quando a criança está no processo de atividade lúdica, sendo regida por regras elaboradas pela própria criança, verificando-se dois fenómenos: o da obrigatoriedade pelo dever de cumprir as regras pelo receio da punição ou a interiorização e consciência das regras que condicionam a criança ou o seu comportamento opcional, configurativa de uma verdadeira escolha moral (Piaget, 1997).

Constata-se que estes dois autores afirmam que o processo de desenvolvimento moral depende do processo de desenvolvimento cognitivo, sendo certo que poderá não decorrer conjuntamente, isto é, o indivíduo necessita das capacidades cognitivas para o desenvolvimento das competências morais (Vale, 2002). Para Piaget (1932-1977) os conceitos morais vão-se construindo em função das capacidades intelectuais do indivíduo.

Efetivamente, o estudo dos valores com crianças e adolescentes tem emergido como um importante campo de pesquisa na última década. As crianças, a partir de uma determinada idade, utilizam os próprios objetivos ou metas internas para direcionar o comportamento (Jennings, 2004; Lee, et al., 2017).

Alguns estudos ao nível do desenvolvimento sugerem que os objetivos das crianças podem codificar e emparelhar estreitamente com os conflitos básicos descritos na teoria dos valores pessoais de Schwartz (1992). Por exemplo, as crianças pequenas sentem o conflito entre o cuidar de si e o cuidar do outro e mostram diferenças individuais no comportamento em relação à obrigação moral de promover os interesses dos outros, sendo

está capacidade de preocupação para com o outro evolutiva ao longo do desenvolvimento (Fehr, Bernhard, & Rockenbach, 2008; Smith, Blake, & Harris, 2013; Lee et al., 2017).

Da mesma forma que, à medida que as crianças amadurecem, elas valorizam cada vez mais sua independência e singularidade (Smetana, Jambon & Ball, 2014; Wray-Lake, Crouter & McHale, 2010; Lee et al., 2017). Estudos sobre os valores das crianças demonstram consistência sobre os conflitos entre as duas dimensões de ordem superior conforme observado na estrutura circular de Schwartz: autotranscendência versus auto-aprimoramento e abertura à mudança versus conservação.

Veja-se, por exemplo, os estudos que utilizaram o questionário Portrait Values Questionnaire (PVQ; Schwartz et al., 2001) apoiam a ideia de que existem os 10 valores básicos referidos por Schwartz e os 19 valores específicos vão se desenvolvendo em torno do círculo dos valores dos adolescentes, em comparação com crianças mais novas (por exemplo, Bubeck & Bilsky, 2004; Lee et al., 2017).

Quando se trata de investigações com crianças na primeira e segunda infância utilizam outros instrumentos de valores específico para a idade, denominado por Pesquisa de Valor Baseado em Figuras para Crianças (PBVSC) de Döring et al. (2010) e o instrumento de valores animados (AVI) de Collins, Lee, Sneddon e Döring (2017). As investigações concluíram que as crianças conseguem diferenciar todos ou alguns dos 10 valores básicos (Cieciuch, Döring, & Harasimczuk, 2013; Collinset al., 2017; Döringetal., 2010; Lee et al., 2017), sendo concordante com o modelo motivacional de Schwartz.

Todavia, apenas um estudo tentou investigar a estrutura dos valores dentro das crianças (Collins et al., 2017; Lee et al. 2017). Este estudo procurou investigar em que medida os perfis de valor individuais foram semelhantes às dez curvas do tipo de valor ideal previstas pela teoria de Schwartz (1992), seguindo o método de correlação de ordem de classificação de Gollan e Witte (2014). Os resultados apoiam a ideia de que valores individuais se encontram de acordo com a estrutura circular de Swchartz, mas este método estatístico não conseguiu estabelecer se a estrutura circular de 10 valores básicos existe dentro dos indivíduos (Borget al., 2015; Lee et al., 2017).

Assim, Borg et al. (2015) refletiu sobre está limitação e desenvolveu uma abordagem estatística com o intuito de averiguar se a estrutura circular existe dentro dos indivíduos, baseado na teoria de Coombs (1964). Esse método não se limita a testar uma estrutura de valores específica; em vez disso, permite que os dados exibam uma estrutura circular ou qualquer outro padrão que possa representar os dados com mais precisão.

O modelo desenvolvido por Borg et al. (2015) calcula uma estrutura bidimensional, na qual cada indivíduo e cada valor é representado como um ponto. O mesmo autor, concluiu que as auto-descrições das crianças se desenvolvem entre a primeira infância até à idade adulta. Embora as crianças não descrevam as relações dos valores ou as integrem, as mesmas reconhecem fortes conflitos entre si mesmos. No entanto, eles são menos propensos a atender a pequenas discrepâncias (Lee et al. 2017).

Somente a meio do período desenvolvimental, as crianças apresentam a capacidade de generalizar e integrar os valores, enquanto aprendem a reconhecer os próprios conflitos complexos (Harter, 2012; Lee et al. 2017), conforme afirma Swchartz.

No que concerne especificamente à temática dos valores encontra-se na literatura alguns estudos pertinentes. Um estudo realizado por Lee *et al.* (2017), o qual revela que os valores não são formados, exclusivamente, durante a adolescência, uma vez que as crianças, a partir dos cinco anos, apresentam uma estrutura circular de valores (Lee *et al.*, 2017). Este mesmo estudo, realizado com crianças australianas com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos, evidencia ainda que, tendo em conta os géneros, existem diferenças entre as meninas e os meninos. Ou seja, apesar de meninas e meninos partilharem a mesma estrutura, existem diferenças ao nível das prioridades de valores: os meninos priorizam valores como o autoaperfeiçoamento e a abertura à mudança de valores; já as meninas atribuem maior relevo a valores como a conservação e a autotranscendência (Lee *et al.*, 2017).

Os estudos realizados por Daniel *et al.* (2013) demonstram que a exposição a situações traumáticas como a guerra, modificam a prioridade que os adolescentes atribuem valores. Os seus estudos demonstram que os valores de tradição baseados em ansiedade – poder e segurança – aumentaram em importância, por sua vez os valores de conformidade diminuíram em grau de importância. Já os valores de benevolência, universalismo, autodireção, estimulação e hedonismo sem ansiedade, diminuíram em importância. As autoras concluíram que perante circunstâncias de conflito, mesmo no início da adolescência, os jovens podem desenvolver rapidamente os seus valores (Daniel *et al.*, 2013).

Também a este respeito, Warren e Wray-Lake (2017) explicam que algumas investigações sobre a teoria da autodeterminação (TAD) demonstram que os valores intrínsecos – como a afiliação e o sentimento de comunidade – associam-se positivamente ao bem-estar e os valores extrínsecos, por sua vez, como o sucesso profissional e o reconhecimento social, têm associações negativas com o bem-estar. Sobre os valores na

adolescência, e em concreto, em relação aos comportamentos, estes explicam que ao longo da formação da sua identidade, os adolescentes exploram comportamentos que estão em sintonia com os valores das figuras parentais e do grupo de pares, assumindo um compromisso com os valores por eles internalizados (Warren & Wray-Lake, 2017). E, quando os seus comportamentos convergem com os seus valores, os adolescentes revelam maior satisfação com a vida (Lundgren *et al.*, 2012). Estes factos sugerem que a concordância valor-comportamento (CVC) parece ser um objeto determinado dos aspetos de exploração e comprometimento do desenvolvimento da identidade.

Gouveia *et al.* (2008) debruçando-se sobre a relação entre os valores humanos e os interesses vocacionais, através da realização de um estudo correlacional, objetivaram identificar em que medida os interesses vocacionais dos adolescentes se relacionam com os valores que sinalizam como indicadores prioritários na vida dos adolescentes. Participaram no estudo 307 estudantes do ensino e os resultados revelaram que os interesses vocacionais e os valores humanos estão correlacionados.

Um estudo realizado em Espanha, por García, Barbero e Muñoz (2017), junto de estudantes com idades entre os 12 e os 18 anos, 267 homens e 232 mulheres, visou avaliar a hierarquia de valores humanos de Schwartz na adolescência. Os resultados obtidos através do questionário de valores pessoais revelaram que a hierarquia de valores evidenciava uma maior preferência por hedonismo e valores que compõem os tipos de ordem superior, transcendência e abertura à mudança. Os investigadores verificaram também que os valores menos preferidos foram os relacionados com os tipos promoção pessoal e conservação, tendo encontrado diferenças significativas em relação ao gênero, na importância dada à benevolência, universalismo, conformidade e segurança. O estudo permitiu concluir que a hierarquia dos valores para os adolescentes é diferente da dos adultos.

Não restam dúvidas de que os valores desempenham um papel essencial na vida do indivíduo, mas também na vida da sociedade. Recorde-se que “os valores são qualidades independentes do sujeito e de carácter absoluto que são desejadas e valorizadas pelo indivíduo ou pelo grupo social” (Marques, 2003, p. 16). Sendo a etapa da adolescência, pelas características que lhe assistem, uma etapa essencial em que o adolescente está a construir a sua personalidade e a formar os seus próprios valores (Salles, 2005).

O ser humano é um produto social e os valores que este assume são aprendidos e transmitidos através da educação, na família e do contexto escolar, sendo essenciais para a vida na e em sociedade. A família, em particular, desempenha um papel fundamental

na transmissão de valores, mas verifica-se que esta “perdeu influência enquanto sistema de socialização e de transmissão de valores. As crianças e jovens têm cada vez menos contacto com adultos capazes de influenciarem positivamente o desenvolvimento do seu carácter e do seu sistema de valores” (Marques, 1998, p. 32). Portanto, não se pode descuidar o papel fundamental da escola e da família “na aquisição dos valores por parte de crianças e adolescentes, e à medida que ensinam normas e padrões, expressam o conjunto de valores presentes na sociedade, reproduzindo os valores de gerações presentes e passadas” (Godoy & Oliveir-a-Monteiro, 2015, p. 401).

Numa perspetiva psicológica, abordar os valores humanos implica ter em linha de conta aspetos sociais, culturais e históricos, uma vez que estes são adquiridos e organizados em função do ambiente de cada indivíduo (Hernandez, Arango & Quintana, 2012).

1.2. Personalidade

Ao longo do tempo, o conhecimento da realidade que circunda à volta do conceito personalidade foi-se modificando e como resultado emergiram diversas teorias científicas que procuram justificar o comportamento humano.

Em consequência, surgiu a psicologia da personalidade que se ocupa com o estudo da personalidade para assim justificar as manifestações comportamentais de cada indivíduo. Como referido anteriormente, sendo a personalidade um conceito central em psicologia, está diz respeito a uma organização dinâmica e ativa, fruto da constituição das diferentes estruturas psicológicas e as suas componentes, quer biológicas, quer ambientais, que suportam e explicam o funcionamento do indivíduo.

Neste âmbito, o objetivo da psicologia é a predição e explicação do comportamento humano com o objetivo de promover maiores níveis de bem-estar subjetivo na população em geral, através da mudança do comportamento e processos psicológicos subjacentes (Hernández & Mateo, 2012).

Efetivamente, diversos estudos epidemiológicos e clínicos têm demonstrado que as diferenças individuais nos traços temperamentais e na personalidade ao longo da infância e adolescência estão fortemente correlacionadas a vários domínios de funcionamento, como é o caso de competências de controlo de impulsos, agitação psicomotora,

competência de regulação emocional, inteligência, resolução de problemas e espiritualidade (Moreira et al., 2012).

Em contraste, a personalidade tem sido associada em diversos estudos a maiores níveis de bem-estar subjetivo, felicidade, (Moreira, & et al, 2012), sensações de autoeficácia, sucesso académico (Anaya & Pérez-Edgar, 2018) e menor psicopatologia em crianças (Kerekes et al., 2013) e adolescentes (Garcia, Anckarsater & Lundstromom, 2013).

De igual modo, sendo a adolescência um período desenvolvimental caracterizado por decisivas transformações ao nível dos processos psicobiológicos (maturação dos circuitos neuroanatômicos, exposição aos desafios contextuais e as tarefas desenvolvimentais associadas) subjacentes aos comportamentos. Conclui-se que as organizações psicobiológicas dos adolescentes resultam destas alterações e interações individuais e contextuais que modulam os padrões funcionamento do indivíduo (Moreira et. al, 2015).

Muito embora, o desenvolvimento da personalidade seja caracterizado pela continuidade desta experiência, as dimensões do temperamento e carácter têm diferentes padrões de desenvolvimento (Josefsson et al., 2013a), exercendo o carácter uma influência significativa no funcionamento do indivíduo, especialmente no bem-estar (Cloninger e Zohar, 2011; Josefsson et al., 2011).

Além disso, uma compreensão mais sofisticada da saúde e bem-estar dos adolescentes requer o uso de estruturas genéticas, neuroanatômicas (Burnett et al., 2011; Sturman e Moghaddam, 2011; Eldreth et al., 2013; Richards et al., 2013) e informações psicológicas relevantes.

Complementarmente, diferentes genótipos podem originar manifestações fenótipas diferentes, mas também a mesma condição ambiental pode originar em diferentes genótipos respostas fenótipas diferentes.

A este respeito, vários estudos realizados em Portugal, ressaltam a importância do estudo da personalidade, nomeadamente na população adolescente e em relação a diferentes aspetos, entre os quais: os relacionamentos interpessoais; rendimento e desempenho escolar; comportamentos de risco e nas dificuldades de regulação emocional e comportamental em contexto escolar (Anaya & Pérez-Edgar, 2018).

Carvalho e Novo (2013) investigaram a relação entre as dificuldades interpessoais na adolescência e as dimensões estruturais e clínicas da personalidade, tendo recorrido à versão experimental portuguesa do *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* –

Adolescent (MMPI-A). Na investigação, participaram 351 alunos que frequentavam o 9.º, 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade e os quais tinham idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos. Tendo em conta a frequência reportada pelos alunos quanto às dificuldades interpessoais, particularmente em contexto escolar, os investigadores constituíram dois grupos de estudantes, tendo comparado os resultados do MMPI-A obtidos por ambos os grupos. Através das análises multivariadas, Carvalho e Novo (2013) encontraram diferenças significativas entre os grupos nas dimensões que sugerem indicadores de possíveis perturbações de personalidade. Os autores sublinham a importância da personalidade na vida escolar na adolescência e na distinção de padrões mais ou menos adaptativos de comportamento.

Num outro estudo, os mesmos investigadores debruçaram a sua atenção sobre o estudo da relação entre as dimensões estruturais e clínicas da personalidade e os comportamentos de risco na adolescência, junto de adolescentes com idades entre os 14 e os 18 anos, abrangiam alunos do 9.º ao 12.º ano. Com base na informação recolhida junto de 351 alunos, por meio da versão portuguesa do MMPI-A e um questionário sobre o percurso escolar, que incluiu os comportamentos de risco, Carvalho e Rosa (2014) encontraram diferenças significativas entre os grupos, numa tendência para que a frequência de comportamentos de risco se associe a resultados mais elevados no MMPI-A. Perante os resultados encontrados, os investigadores ressaltam a importância e a necessidade de estudar a personalidade para se compreenderem melhor a predisposição a comportamentos de risco na adolescência (Carvalho & Rosa, 2014).

Também Ferreira e Alves (2011), imbuídos pelo seu interesse na(s) relação(ões) entre os traços da personalidade e o desempenho escolar, realizaram uma investigação com o objetivo de conhecer a relação existente entre as características da personalidade dos alunos e os resultados escolares por eles obtidos. Através do Perfil e Inventário de Personalidade de Gordon (GPP-I), os investigadores avaliaram três turmas do 12.º ano de escolaridade, pertencentes a áreas de formação distintas e verificaram que características como a responsabilidade e a prudência são significativas na obtenção de bons resultados, dado que quanto maiores forem os níveis de responsabilidade e prudência melhores serão os resultados escolares.

Além destes estudos, que relacionam a personalidade com comportamentos de risco e desempenho escolar, a literatura revela ainda outras investigações que associam a personalidade a psicopatologia como a depressão, com o suporte social e com comportamentos antissociais.

Mota e Oliveira (2017) procuraram analisar o papel do suporte social no desenvolvimento de objetivos de vida de jovens de diferentes configurações familiares (famílias tradicionais e jovens em acolhimento residencial) e também o papel mediador da personalidade na associação anterior. Participaram no estudo 350 jovens portugueses, com idades compreendidas entre 13 e os 18 anos, e as investigadoras verificaram que o suporte social apresenta uma associação positiva significativa com os objetivos de vida, e a personalidade desempenha um efeito mediador na associação anterior.

Acresce que, Lopes, Barreira e Pires (2001) debruçaram-se sobre os aspetos clínicos associados à tentativa de suicídio na adolescência, tendo realizado um estudo no qual avaliaram a existência de sintomatologia depressiva, bem como traços clínicos de características de personalidade disfuncionais em adolescentes com história prévia de tentativa de suicídio, realizando uma comparação entre géneros. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, tendo constatado que a existência de um efeito de género quer na expressão clínica do quadro depressivo, quer na presença de traços patológicos da personalidade.

Também a investigação de Morgado e Dias (2016), as quais estudaram as relações entre comportamento antissocial e características individuais – género, personalidade, competências sociais, autoconceito e perceção de ambiente familiar –, junto de 489 adolescentes. As investigadoras encontraram diferenças significativas entre rapazes e raparigas e, de um modo geral, entre adolescentes com maior e menor tendência para um comportamento antissocial, tendo igualmente confirmado o papel da personalidade, empatia, autoconceito e perceção do ambiente familiar, no comportamento antissocial autorrelatado e no comportamento agressivo referido pelos pais.

Por fim, um estudo realizado sobre os traços de personalidade que medem as diferenças individuais no funcionamento adaptativo e na saúde mental, mais concretamente a relação e a influência da personalidade sobre os aspectos afetivos da saúde (isto é, a felicidade) e seus aspectos não afetivos (ou seja, bem-estar) na população geral (Clonninger, & Zohar, 2011). Os autores concluíram que os aspectos emocionais, sociais e físicos do bem-estar são interdependentes, mas configurações específicas de TCI, Autocentrismo, Cooperatividade e Autotranscendência influenciam-nos diferencialmente. As interações entre diferentes combinações de traços da dimensão carácter apresentam fortes influências sobre a perceção do bem-estar e da felicidade (Clonninger, & Zohar, 2011).

Face ao exposto, pode-se concluir que a personalidade é um precedente causal de psicopatologia (Cloninger et al., 1997; Gestsdóttir and Lerner, 2007; Davydov et al., 2010) e um preditor de saúde mental positiva, felicidade e de BES da globalidade das dimensões constituintes do núcleo interno e externo do indivíduo (Cloninger and Zohar, 2011; Josefsson et al., 2011; Butkovic et al., 2012).

Desta forma, compreende-se a relevância do estudo da personalidade ao nível social e científica na psicologia e outras ciências empenhadas na promoção do bem-estar global, sendo evidente o papel decisivo que apresenta nas diversas estruturas organizativas que o indivíduo comporta (Krzeczkowski & Van Lieshout, 2018). Em seguida, nas próximas secções sistematiza-se os modelos teóricos e as suas propostas de conceptualização da personalidade e os respectivos instrumentos de avaliação.

1.2.1. Modelo psicobiológico de Robert Cloninger

Efetivamente, foram várias as teorias da personalidade que foram desenvolvidas ao longo do tempo, no entanto, como se referiu inicialmente, este trabalho enfatiza o modelo de personalidade de Cloninger, que é também uma das mais conceituadas teorias da personalidade. Enquanto que as teorias até então eram na sua génese descritivas, o novo paradigma psicobiológico centra a sua abordagem à personalidade nas interações e transações que ocorrem entre os fatores endógenos e ambientais e em como estes moldam o desenvolvimento da personalidade (Anaya & Pérez-Edgar, 2018).

Este modelo apresenta uma perspetiva psicobiológica e uma abordagem integrativa da personalidade humana, integrando também o contributo de diversas áreas científicas, como a genética do comportamento, a neurobiologia, a psiquiatria e a psicologia (Moreira et al., 2017).

Inicialmente, Cloninger e Colaboradores sugeriram o modelo Biossocial Unificado da Personalidade que se baseava num sistema dimensional não-categorico, passível de ser utilizado na população em geral ou na população psiquiátrica (Hansenne, 2004). O principal intuito deste modelo foi responder às fragilidades que os outros modelos evidenciava na testagem da estrutura da personalidade e potenciar a avaliação das perturbações de personalidade em categorias nosológicas quantificáveis.

Neste âmbito, este modelo foi considerado interacionista, uma vez que integrava os conhecimentos de diferentes vertentes de especialização no domínio da personalidade em sínteses informativas provenientes de diversos estudos: estudos neurofarmacológicos e

neuroanatômicos, estudos psicométricos, longitudinais e estudos que incluam a aprendizagem humana e animal (Clonninger et al., 1993).

Nesta primeira fase o modelo integrava unicamente três dimensões como a procura da novidade (NS), o evitamento do perigo (HA) e a dependência de recompensa (RD) às quais foram intituladas de temperamento, sendo estas estruturas correspondentes às três emoções básicas: NS=Cólera; HA= Medo e o RD= Amor (Svrakic, Przbeck, & Clonninger, 1991).

Importa referir, que neste modelo foi também hipotetizado que o temperamento devia ser considerado uma estrutura responsável pela ativação, manutenção e inibição das respostas comportamentais a estímulos (Kose, 2003).

Ainda assim, este modelo considerava que as referidas dimensões temperamentais eram determinadas por fatores endógenos como a genética e fatores de adaptação que se agrupavam aos processos neuro-químicos particulares. Veja-se, por exemplo, a dopamina um neurotransmissor responsável pela motivação, regulação humoral está associada ao (NS), a serotonina para o (HA) e a noradrenalina para a (RD) (Hansenne, 2004). Todavia, estas combinações e interações hormonais não poderia ser exclusiva a três neurotransmissores, tendo sido uma fragilidade evidenciada para este modelo pela simplicidade e resumida robustez que esta perspectiva elencava à atividade cerebral para justificar o comportamento humano (Hansenne, 2004).

De modo a mensurar estas três dimensões referidas, Clonninger desenvolveu um instrumento denominado por Tridimensional Personality Questionnaire (TPQ).

Assim, vários estudos sublinharam que determinados aspetos da personalidade não eram medidos pelas três dimensões referidas no modelo biossocial. E, partindo desta reflexão crítica face ao modelo unificado da personalidade, Clonninger e Colaboradores desenvolveram um novo modelo da personalidade, com o intuito de melhorar a justificação da variância total dos comportamentos.

Este modelo sofreu influências da genética comportamental, bem como da psiquiatria biológica e apresenta uma abordagem unificada do temperamento e da personalidade, no qual esta última é entendida como a combinação de traços hereditários e traços neurobiológicos (face ao temperamento) e traços que refletem a aprendizagem sociocultural (associada ao carácter) (Maia, 2011).

A partir do construto personalidade, surge este modelo que acredita que as diferenças individuais das características da personalidade ocorrem fruto dos sistemas

adaptativos (recepção, processamento e armazenamento da informação) que derivam da experiência (Serra, 2006).

Nesta linha de raciocínio, o processo de adaptação acontece resultados da recuperação das experiências prévias, as quais encontram-se armazenadas em dois sistemas de memória- 1) a memória explícita (experiências pessoais e conscientes); 2) a memória implícita (relacionada com as atividades de rotina e processos semânticos) (Serra, 2006).

Numa segunda fase, o modelo de Cloninger concluiu que o temperamento e o carácter, duas dimensões da personalidade, pressupõem diferentes sistemas de aprendizagem e de armazenamento na memória, definindo que apesar de interdependentes, estas estruturas determinam a personalidade de um indivíduo.

Assim, o modelo psicobiológico da personalidade entende que a personalidade reflete uma organização dinâmica de processos psicobiológicos que são definidos em dois domínios: o temperamento e o carácter do indivíduo (Hansenne, 2003; Moreira *et al.*, 2017). Nesta perspectiva, o carácter permite moldar a expressão do temperamento determinando assim o perfil temperamental e o tipo de carácter (Moreira *et al.*, 2012).

De acordo com os seus pressupostos, o temperamento é geneticamente determinado e está relacionado com as variáveis biológicas, ao passo que o carácter está associado à aprendizagem, assim como aos efeitos do ambiente que circunda o indivíduo (Hansenne, 2004), sendo por isso dois processos menésicos distintos. Ou seja, enquanto as dimensões de temperamento referem-se a reações automáticas a estímulos, as dimensões de carácter referem-se ao que o indivíduo faz de si mesmo intencionalmente (Cloninger, 2004), isto é, o carácter induz a uma reação consciente em estreita relação com os processos cognitivos (Hansenne, 2004).

Nesse contexto, a personalidade (temperamento e carácter) estão em constante conjugação para manter o homeostase do próprio face às adversidades contextuais existentes (Cloninger, 2004). Assim, um desenvolvimento de carácter maduro indica um senso de unidade do eu (unidade com o eu, outros e algum sentido transcendental universal do ser) que ajuda o indivíduo a regular conflitos que possam derivar de diferentes configurações de temperamento (Cloninger, 2004). O que distingue os traços temperamentais dos traços do carácter é que os primeiros são relativamente estáveis, ao passo que os segundos envolvem processos cognitivos de ordem superior requerendo a constante maturação gradual ao longo da vida (Hansenne, 2004; Moreira *et al.*, 2012).

Neste âmbito, o temperamento pode ser definido como um elemento da personalidade que é relativamente estável ao longo da vida contemplando quatro dimensões que estão associadas aos hábitos, emoções e respostas automáticas (Cloninger, 1987; 1999; Cloninger, Przybeck & Svrakic, 1991; Cloninger & Svrakic, 1992). Este incorpora quatro dimensões e, tendo por base o trabalho elaborado por Cloninger, Moreira *et al.* (2017, pp. 2-3) explicam o seguinte sobre cada uma destas dimensões:

- Procura de novidade¹: Este tipo de temperamento reflete a propensão da pessoa para responder intensamente a novos estímulos, como sinais de prazer, através de uma abordagem ativa de recompensa, ou evitação ativa de punição. Indivíduos com este temperamento são visivelmente exploradores, impulsivos e antipáticos, com regras e regulamentos;
- Evitamento do perigo²: Evidencia a propensão do indivíduo para responder intensamente a sinais de punição, ou perda de recompensa por inibir o comportamento. Indivíduos com este tipo de temperamento são ansiosos, temerosos e tímidos;
- Dependência de recompensa³: Realça a propensão do sujeito para formar sinais condicionados de recompensa, especialmente a aprovação social e pistas de apego. Indivíduos com elevados níveis deste temperamento são sentimentais, sociáveis e amigáveis;
- Persistência⁴: refere-se à propensão do indivíduo para manter comportamentos específicos, apesar da frustração e fadiga, face à antecipação de atraso no sucesso após reforço prévio intermitente. Particularmente, a dimensão persistência foi uma adição posterior ao modelo e reconhecida como a terceira dimensão da personalidade (Gillespie *et al.*, 2003) relacionada a um circuito cerebral anatômico que inclui partes da rede medial do córtex pré-frontal medial orbital e adjacente, envolvidas na modulação do comportamento social e controle do humor e motivação (Gusnard *et al.*, 2003). A alta persistência está associada à resiliência e à emocionalidade positiva (Garcia, 2011), sendo diligente e perseverante (Gusnard *et al.*, 2003).

¹ Em inglês, *novelty seeking* (NS).

² Em inglês, *harm avoidance* (HA).

³ Em inglês, *reward dependence* (RD).

⁴ Em inglês, *persistence* (PS).

É importante sublinhar que o temperamento é uma força emergente e não é sinónimo de personalidade (Anaya & Pérez-Edgar, 2018), contudo, exerce influência na formação dos traços de personalidade, os quais também não estão isentos da influência dos fatores ambientais (Shiner & Caspi, 2012). Algumas investigações demonstram que o temperamento é influenciado por experiências pré-natais e após o nascimento, o ambiente em que está inserido pode exercer influência na mudança e continuidade do temperamento da criança (Van Ijzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 2012). À semelhança dos traços de personalidade, também os traços de temperamento são moderadamente influenciados pela genética (Bouchard & Loehlin, 2001), bem como por fatores ambientais, nomeadamente as experiências vivenciadas pelo indivíduo nos primeiros anos de vida (Emde & Hewitt, 2001).

À semelhança do que se verifica em relação aos valores, os quais são diferentes entre adolescentes e adultos, também em relação à personalidade se encontram diferenças. Conforme explica Tackett (2006), nos adultos, as diferenças individuais nos modos característicos de se comportar, pensar e sentir são tipicamente definidas como personalidade, por sua vez, nas crianças, as diferenças individuais características podem ser descritas como traços de temperamento, bem como traços de personalidade. Sustentando-se nas ideias de vários autores, a mesma autora acrescenta que a personalidade desenvolve-se à medida que as crianças progredem através de vários estágios cognitivos e emocionais e os quais lhes permitem interagir, experimentar e responder ao mundo de maneiras mais complexas (Tackett, 2006).

Nesta ordem de ideias, a estrutura da personalidade pode sofrer potenciais alterações à medida que a criança adquire novas habilidades, ao nível motor, linguístico e/ou psicológico. Repare-se nas sucessivas aquisições de competências de regulação emocional responsáveis por um funcionamento mais apropriado que vários estudos têm elencado (Rothbart & Ahadi, 1994; 1998; Shiner, Masten, & Tellegen, 2002; Tackett, 2006).

No âmbito desta matéria, Shiner e Caspi (2003) catalogam ainda as diferenças entre traços de temperamento e personalidade, referindo que os primeiros constituem um subconjunto de diferenças de personalidade, tanto na infância como na idade adulta. São traços inatos da personalidade que têm origem na genética, contudo, podem ser influenciados pela experiência contextual (Hansenne, 2004).

Por seu turno, a personalidade refere-se às tendências da pessoa para se comportar, pensar e sentir de determinada forma e os seus traços são características duradouras, como

a disposição do sujeito para se comportar de certo modo em determinadas situações (Hansenne, 2004). A generosidade, a impulsividade, a sensibilidade, a timidez, a honestidade e a empatia constituem exemplos de traços de personalidade (Hansenne, 2004). Também Tackett (2006) distinguiu temperamento de personalidade, definindo o primeiro como um subconjunto da personalidade, a qual, por sua vez, se refere a um campo mais amplo de características individuais. Contudo, acrescenta que à medida que a criança se desenvolve, é natural que os seus traços temperamentais iniciais se desenvolvam e transformem em traços de personalidade mais amplos e inclusivos, e em traços de ordem inferior cada vez mais diferenciados (Tackett, 2006).

Em contrapartida, o caráter, em contraste com o temperamento, tem sido encontrado em estudos prospectivos recentes para aumentar com a idade (Josefsson et al., 2013). Esses traços de caráter estão positivamente associados à coerência psicofisiológica, um estado de alerta calmo que ocorre naturalmente com emoções positivas sustentadas e pode ser induzido pela respiração lenta e profunda, pelo relaxamento e pelo sono; que aumenta a atividade parassimpática eferente (Zohar, Cloninger e McCraty, 2013). Os autores apoiam que uma condição de amadurecer e desenvolver está associada a uma maior atividade inibitória do sistema nervoso periférico, talvez como uma forma de regulação emocional madura que surge de uma visão de unidade, conexão e harmonia consigo mesmo (Cloninger, 2004; Cloninger, Zohar & Cloninger, 2010; Cloninger, 2013). Essa sensação de unidade permite que uma pessoa funcione eficientemente e consciente das suas ações, sem a ativação de um funcionamento psicofisiológico deficitário, defensivo e a presença de emoções negativas diante dos desafios da vida quotidiana (Bradley et al., 2010; McCraty et al., 2009; Cloninger, 2013).

Por outras palavras, sugerindo pelo menos relações fenotípicas (se não causais) entre a personalidade, a variabilidade da frequência cardíaca e a saúde (por exemplo, a ausência de mal-estar e a presença de bem-estar). Intervenções que melhoram o comportamento (referidas como Terapia / Coaching do Bem-Estar) levam ao alívio de padrões destrutivos de comportamento e perturbações mentais, aumentando assim as emoções positivas, satisfação com a vida, senso de significado e bem-estar como um todo (eg, Albieri et al., 2009; Cloninger, 2006; Cloninger, 2013; Moenizadeh & Salagame, 2010).

Por sua vez, evidências neurobiológicas mostram que indivíduos que tendem a experimentar afeto positivo frequentemente têm níveis de cortisol mais baixos (Cohen et al., 2003) e uma maior resposta imunológica (Rosenkranz et al., 2003). No entanto, um

caráter bem desenvolvido também pode ser considerado resultado da maturidade cognitiva geral e capacidade, sugerindo assim que o desenvolvimento de caráter positivo é epifenomênico, e não uma característica psicológica independente.

Ainda no que diz respeito ao caráter, esta estrutura envolve processos cognitivos autorregulatórios e de ordem superior, que influenciam a intenção e as atitudes do indivíduo e, por isso estão envolvidos nas diferenças individuais, como objetivos, motivações, valores e padrões (Moreira *et al.*, 2017).

De acordo com Antolín *et al.* (2010), o caráter não é hereditário e pode ser influenciado por fatores sociais e culturais, começando-se a formar com maior intensidade a partir da infância. Este pode ser descrito como as disposições duradouras que surgem numa fase mais tardia da vida do indivíduo, podendo modificar as características e o tipo de temperamento específico do indivíduo (Cloninger, Svrakic & Przybeck, 1993).

A composição do caráter divide-se em três dimensões – autodiretividade, cooperação e auto-transcendência – que se referem, cada uma, ao *eu* intrapessoal (*intrapersonal self*), *eu* interpessoal (*interpersonal self*) e ao *eu* transpessoal (*transpersonal self*), respetivamente (Cloninger, 1994; 2004; Svrakic, Svrakic & Cloninger, 1996).

A primeira dimensão do caráter, a autodireção (*self direction* – SD), inclui as diferenças individuais no *eu* intrapessoal, no qual se refere à consciência de ser um indivíduo autónomo, com motivos, padrões e objetivos (Moreira *et al.*, 2017).

Assim sendo, um indivíduo que possui este tipo de caráter apresenta um padrão de funcionamento caracterizado pela responsabilidade, propósitos definidos e autorrealizados.

Relativo à dimensão cooperação (*cooperativeness* – CO) envolve as diferenças individuais no *eu* interpessoal o que, por outras palavras significa a consciência de ser um membro de um grupo, no qual cada um assume o seu papel e as suas responsabilidades enquanto pertence a um grupo (Moreira *et al.*, 2017). Indivíduos com altos níveis deste tipo de caráter, normalmente, são tolerantes, empáticos, têm princípios e compaixão.

Por último, a dimensão auto-transcendência (*self-transcendence* – ST) está associada às diferenças individuais no *eu* transpessoal, isto é, na consciência de ser um membro de um todo maior (como por exemplo, do universo), uma dimensão influenciada pela espiritualidade (Moreira *et al.*, 2017). Quando o indivíduo apresenta altos níveis de

auto-transcendência, por norma, é um indivíduo que gosta de fazer, que é altruísta e espiritual.

No modelo biopsicológico de Cloninger verifica-se que o temperamento integra a procura da novidade (associada à ativação), Evitamento do perigo (ligado à inibição), a dependência da recompensa (associada à manutenção) e a persistência. Por sua vez, os caracteres contemplam a autodeterminação (que se encontra associada à maturidade individual), a cooperação (relacionada com a maturidade social) e a auto-transcendência (associada à maturidade espiritual) (Cloninger, Svrakic e Przybeck, 1993). Tendo por base as ideias de outros teóricos, Moreira *et al.* (2017) salienta que o modelo de Cloninger é um modelo genético e neurobiologicamente informado, e não um quadro descritivo simplesmente baseado em evidências empíricas sobre a personalidade.

Deste modo, pode-se concluir este modelo assume-se como uma teoria que testa as origens biológicas, psicológicas e sociais que subjazem à organização da personalidade e do próprio desenvolvimento. Estes autores (Moreira *et al.*, 2017) desenvolveram a versão adaptada à população adulta portuguesa do Inventário do Temperamento e Carácter (ITC)⁵.

Dadas as dimensões inerentes à personalidade, Cloninger, Svrakic e Przybeck (1993) entendem que se trata de um fenómeno multidimensional e segundo Antolín *et al.* (2010), esta definição é útil para avaliar a personalidade normal e a personalidade patológica, mas é igualmente útil do ponto de vista da investigação, na medida em que a partir dela resultaram importantíssimos instrumentos de análise como Inventário de Temperamento e Carácter Junior (ITCJ)⁶, utilizado neste estudo.

A este respeito, importa referir o estudo realizado por Moreira *et al.* (2015), verificaram que diferentes perfis das dimensões de carácter resultam em diferentes níveis de bem-estar entre os adultos. Os autores em questão procuraram replicar o mesmo estudo, mas numa população mais jovem: em adolescentes. Os autores concluíram que a dimensão da auto-direção estava fortemente associada a todas as dimensões do bem-estar afetivo e cognitivo, independentemente dos outros dois traços de carácter. A cooperação estava associada ao bem-estar não afetivo e ao afeto positivo, mas apenas quando associada a altos níveis de autodireção e auto-transcendência. Os autores concluíram que também na população adolescente, diferentes dimensões de carácter têm diferentes impactos no bem-estar, destacando a importância de se incluírem as influências não-

⁵ Originalmente conhecido por *Temperament and Character Inventory* (TCI).

⁶ Originalmente designado de *Junior Temperament and Character Inventory*.

lineares das dimensões do caráter na compreensão do bem-estar em adolescentes (Moreira *et al.*, 2015).

Hoje sabe-se que os traços de personalidade são poderosos preditores do funcionamento saudável e bem-sucedido em todas as situações da vida do indivíduo, constatando-se que são várias as investigações que demonstram que as diferenças individuais ao nível do temperamento e dos traços de personalidade na infância e adolescência são fortemente preditivas de muitos domínios de funcionamento: controle de impulso; agilidade física; autorregulação emocional; interesses intelectuais e resolução de problemas; espiritualidade; e risco para transtornos psiquiátricos (Moreira *et al.*, 2012). A personalidade pode ser um fator crucial na identificação de alternativas para determinadas perturbações e orientar a investigação quanto ao tratamento para estes subgrupos, ou seja, pode auxiliar na identificação precoce de perfis de personalidade que colocam as crianças em risco face a diferentes psicopatologias, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções direcionadas que visem a alterar as características da personalidade ou alterar fatores de risco ambientais que agravam a personalidade antes do início da patologia (Tackett, 2006). Os domínios de aplicação do modelo são vários, desde correlações neurobiológicas dos traços de personalidade (Gusnard *et al.*, 2003; Head, Cloninger, & Martin, 1994), estudos no âmbito da psicopatologia em adolescentes e adultos (Ball, Tennen, & Kranzler, 1999; Janiri, Martinotti, Dario, Schifano, & Bria, 2007; Ono, 2002; Rybakowski, Slopian, Zakrzewska, Hornowska, & Rajewski, 2004).

Em suma, o modelo psicobiológico da personalidade tem servido de quadro teórico para inúmeros temas de elevada relevância na área da psiquiatria e psicologia nas últimas décadas (Ando *et al.*, 2002; Corr, Pickering, & Gray, 1995; Farmer, Whitehead, & Woolcock, 2007; Fassino *et al.*, 2002; Gusnard *et al.*, 2002; Janiri *et al.*, 2007; Joyce, Mulder, McKensie, Luty, & Cloninger, 2004; Sato *et al.*, 1999; Sigvardsson, Bohman, & Cloninger, 1987; Svrakic *et al.*, 2002; Svrakic, Whitehead, Przybeck, & Cloninger, 1993).

1.3. Valores e Personalidade

A investigação bibliográfica sobre traços de personalidade e valores humanos mostra a herança comum que estes dois construtos compartilham baseado na hipótese lexical para identificação de informações relevantes. Como referido no enquadramento conceptual, as

hipóteses lexicais propõem que as diferenças significativas nas características individuais são codificadas fruto da linguagem, o contacto do indivíduo com a sua rede contextual e os processos filiogénéticos que impulsionarão a reprodução de uma lista abrangente de características individuais importantes (Goldberg, 1993; McCrae & Costa, 1997; Schwartz, 1994; Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Precisamente, quando Allport (1937) delineou o estudo dos traços de personalidade, assente na hipótese léxical, afirmando que os traços de personalidade deveriam ser não-avaliativos, mas explícitos para remover termos avaliativos relacionados ao “caráter” ou valores de um indivíduo. Esta separação de valores e traços de personalidade resultou no estudo destes dois construtos de forma separada e independente, na maior parte das vezes.

No entanto, traços e valores, apesar de independentes, são analisados como importantes preditores de uma multiplicidade de resultados em vários contextos e em várias áreas, como psicologia educacional, psicologia organizacional, psicologia da saúde, psicologia política, psicologia ambiental, psicologia do desporto, psicologia ocupacional, psicologia social (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Apenas recentemente, as investigações começaram a explorar os efeitos da personalidade e os valores nos vários resultados comportamentais (Parks & Guay, 2009; Roccas, Sgiv, Schwartz & Knafo, 2002).

Ainda assim, os investigadores tendem a adotar uma das três visões básicas do valores e traços: (a) são maneiras diferentes de medir a mesma coisa; (b) são construções únicas e separadas no mesmo nível de abstração; e (c) são ambas parte de uma hierarquia de personalidade, mas existem em diferentes níveis nessa hierarquia. Na primeira medida, se traços e valores fossem formas diferentes de medir a mesma coisa, então as correlações entre elas deveriam ser mais fortes do que a investigação têm demonstrado (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Alguns estudos procuraram associar estes construtos com bem-estar subjetivo e satisfação com a vida e encontraram correlações, principalmente dos traços de personalidade (Haslam, Whelan e Bastian, 2009; Saiz, Alvaro, & Martinez, 2011), com religiosidade e espiritualidade (associados principalmente a valores; Saiz et al., 2011; Saroglou & Munoz-Garcia, 2008; Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Adicionalmente, vários estudos mostraram que os valores são melhores preditores de preferência e escolhas políticas, comparativamente com os traços (Caprara, Schwartz, Capanna, Vecchione e Barbaranelli, 2006; Caprara, Vecchione e Schwartz, 2009; Dirilen-Gumus, Cross, & Donmez, 2012; Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

No entanto, como existem diferentes pontos de vista sobre a natureza das relações entre traços e valores e, portanto, ausência de consenso sobre esta matéria, os investigadores que estudam características e valores devem declarar os pressupostos subjacentes e fornecer uma conceptualização teórica consistente que relaciona o seu trabalho com outros estudos que apresentem a mesma panorâmica.

Evidentemente que, os valores e traços não são apenas maneira de codificar e caracterizar o indivíduo e os estudos que incluem as duas variáveis (traços e valores), porventura, terão o potencial de melhorar as previsões e justificações de uma ampla gama de resultados comportamentais (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Ora, é na adolescência que ocorre o fenómeno de maturação dos processos psicológicos envolvidos na consciencialização dos ciclos emocionais complexos (Carr, 2014). Note-se que é nesta etapa desenvolvimental que os jovens tendem a aumentar o recurso a estratégias de autorregulação cada vez mais complexas, que pressupõem a aquisição de autonomia (Carr, 2014).

Por sua vez, estas estratégias de regulação emocional são influenciadas pelos princípios morais, crenças éticas e morais que conduzem à compreensão das ações que podem originar a aprovação e desaprovação por parte das figuras significativas e da sua rede de suporte social. Estes mecanismos de autoapresentação e moralidade são responsáveis pela internalização dos princípios que norteiam as normas do comportamento humano (Carr, 2014). Também enquanto etapa do desenvolvimento humano, a adolescência contempla o período situado entre a infância e a vida adulta, incorporando diversos sinais de alterações biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais (Carr, 2014) que permite ao indivíduo construir a sua identidade, desenvolver a sua personalidade e assumir novas responsabilidades, preparando-se para a vida adulta.

Ao nível psíquico as transformações não seguem o ritmo de evolução fisiológica e corporal.

A identidade é algo uno, com características dinâmicas e adaptáveis que permanecem ao longo da vida (Erickson, 1972). Para Erickson (1972) a construção da identidade é um processo complexo que implica definir quem a pessoa é, quais os seus

valores e quais as direções que pretende seguir pela vida. Para o autor a identidade é a concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com as quais o indivíduo está solidamente comprometido. Neste processo a construção biológica, a organização pessoal da experiência e o meio cultural dão significado, forma e continuidade à existência do indivíduo (Kroger 1989; Lima, 2000; Carr, 2014).

Nesta fase os sistemas de valores sofrem modificações, pois o adolescente torna-se capaz de elaborar um tipo de questionamento diferente do utilizado até então, encontramos aqui uma ligação entre o desenvolvimento moral e o intelectual/cognitivo. A capacidade do adolescente para pensar sobre diferentes possibilidades torna-o capaz de testar hipóteses e de resolver problemas (Lima, 2000; Carr, 2014).

O desenvolvimento do sujeito é determinado e ocorre num contexto social marcado pelo contacto com a sua rede social, a interação familiar, com as instituições sociais e com a cultura. Podemos considerar que a adolescência é a fase típica do desenvolvimento do jovem em ambiente familiar, cultural e da sociedade vigente, fruto também da maturação dos processos psicobiológicos.

Assim sendo, uma boa base determinará uma identidade pessoal sólida, ao passo que uma base instável originará uma identidade difusa. A formação da personalidade tem uma dupla função: o desenvolvimento da individualidade de uma forma consistente e o enquadramento dessa individualidade na sociedade. O processo de formação e construção da identidade tem fases e ritmos particulares que acompanham, gradualmente, a resolução de problemas psicossociais inerentes à adolescência. É de particular importância para a formação da identidade o desenvolvimento da cognição social o que, no fundo, não é mais do que a capacidade para perceber e agir de acordo com as ideias, valores, crenças e sentimentos, próprios e dos outros, e que é fundamental para a obtenção da maturidade psicológica (Sprinthall & Collins, 1994; Carr, 2014).

Estando a adolescência vinculada à construção da identidade, à maturação da personalidade entender a relação entre os valores e a personalidade torna-se, por isso, fundamental, contudo abordar em termos teórico-conceptuais a personalidade e os valores não é tarefa fácil, isto porque se sabe que existem grandes diferenças ao nível destes construtos (Parks & Guay, 2012). Enquanto que os valores incluem uma componente avaliativa e relacionam-se com “aquilo” em que acreditamos que devemos fazer (Parks & Guay, 2012), a personalidade, mais concretamente, os traços de personalidade,

referem-se a disposições que naturalmente tendemos a fazer (Sandy, Gosling, Schwartz & Koelkebeck, 2017).

Segundo Moreira et al. (2012), o modelo psicobiológico da personalidade integra os diferentes constituintes do ser humano (os processos genéticos, neuronais, fisiológicos e contextuais) que permitem ao adolescente maturar-se e desenvolver. Neste âmbito, a personalidade, como referido anteriormente, divide-se em duas dimensões: o temperamento e o carácter, sendo a segunda dimensão referente aos processos cognitivos de autorregulação de ordem superior envolvidos nas diferenças individuais, como as motivações, objetivos e os valores (Cloninger, 2004).

Estes conceitos são abordados de forma diferente pelos autores, Rokeach (1973) vê os traços de personalidade como antecedentes dos valores que, embora estáveis, podem ser reorganizados hierarquicamente com base na experiência e nas expectativas sociais. Já para Schwartz e Bilsky (1994) os valores, são encarados como um tipo de disposição da personalidade. E Mischel (1990) chama a atenção para o facto de, à semelhança dos traços de personalidade, também os valores poderem ser utilizados para descrever e explicar o comportamento das pessoas.

De facto, a matriz de correlação dos valores humanos básicos parece ser mais dinâmica do que os traços de personalidade, devido ao facto de enquanto que a estrutura de valores pode mudar, resultando das alterações ambientais e culturais do indivíduo, os traços de personalidade são relativamente estáveis ao longo da vida (Parks & Guay, 2009).

Embora existam estas diferenças ao nível destes construtos, é difícil separá-los tanto ao nível teórico, como ao nível prático, isto porque o mesmo termo pode estar a referir-se a um traço de personalidade ou a um valor (Parks & Guay, 2012). Por exemplo, ao utilizar o termo competência pode-se estar a referir a uma tendência para ser competente e isto diz respeito à personalidade ou pode-se estar a elencar a crença que é importante ser competente (Parks & Guay, 2012). Podemos afirmar que é possível encontrar-se alguma complementaridade entre valores e traços de personalidade, uma vez que podemos inferir traços de personalidade quando conhecemos os valores de alguém, sendo o contrário também possível. Um exemplo disso, uma pessoa que considera o valor da estimulação bastante importante pode ser caracterizada pelo traço de personalidade de curiosa. Da mesma forma, uma pessoa caracterizada pelo traço de personalidade de

ansiosa tem maior probabilidade de se identificar mais com o valor da segurança (Bilsky & Schwartz, 1994).

Para Kluckhohn e Murray (1967), os valores impregnados numa cultura influenciam os determinantes da personalidade relacionados com a filiação grupal. Estes autores consideram que o viver num mundo social exige padrões ao indivíduo.

Assim sendo, os valores acrescentam um elemento de previsibilidade à vida social, enquanto que a qualidade e o tipo de interação social, determinada pela dimensão social de um grupo, tem as suas consequências na formação da personalidade.

Bilsky e Schwartz (1994) consideram que a investigação tem dado pouca atenção aos estudos sobre os valores existindo por isso poucas evidências sobre as relações entre personalidade e valores.

Identificando esta lacuna, os autores desenvolveram pesquisas que revelaram associações significativas e sistemáticas entre prioridades de valores e variáveis de personalidade. Estes dois conceitos, são relacionados pelos autores com base no aspecto motivacional e apoiam-se na análise de Maslow sobre as necessidades de deficiência e as necessidades de crescimento (Bilsky e Schwartz, 1994). Os seus estudos verificaram que os valores e a personalidade co-variam quando os traços são inferidos de padrões de comportamento que têm como objetivo satisfazer necessidades de crescimento (Bilsky e Schwartz, 1994).

Na continuidade da revisão da literatura aos estudos empíricos encontrados procuram relacionar valores com traços de personalidade, conclui-se que os resultados a que se têm chegado são semelhantes, revelando que de facto existe relação entre os valores que as pessoas têm e os traços de personalidade que exibem. De uma forma geral, é utilizada a teoria dos valores sociais de Schwartz (1992) e de Rokeach (1973) e o modelo dos Cinco Factores (Costa e McCrea, 1997) na procura de relações entre valores e personalidade.

Este ponto serve para estabelecer a ligação entre os valores e a personalidade, apresentando-se diversas investigações que estudaram esta relação na população adolescente e em diferentes países.

Rim (1984) procurou perceber se a importância dada aos valores variava de acordo com as dimensões da personalidade, os níveis de inteligência e o sexo. Aplicando três questionários (Questionário de Valores de Rokeach, Questionário de Personalidade de Eysenck e um questionário de inteligência) a uma amostra de 100 jovens, concluiu que existem diferenças na forma como as pessoas hierarquizam os seus valores, tendo em conta os diferentes tipos de personalidade. Verificou ainda diferenças na atribuição de importância aos valores dependendo dos níveis de inteligência e do sexo (Rim, 1984). Furnham (1984), seguindo a mesma orientação, aplicou o Questionário de Valores de Rokeach (aplicando apenas a escala dos valores terminais) e o Questionário de Personalidade de Eysenck a uma amostra de 70 jovens ingleses. Os resultados indicam associações entre valores e dimensões de personalidade, evidenciando diferenças na forma como extrovertidos e neuróticos atribuem importância aos valores terminais (Furnham, 1984). Na mesma linha, Heaven (1993), aplicando um questionário de valores diferente (Inventário de Valores Sociais de Braithwaite & Law, 1985, citados por Heaven, 1993), alcançou conclusões semelhantes encontrando diferenças na forma como introvertidos e extrovertidos hierarquizam os seus valores.

Luk e Bond (1993) realizaram um estudo com uma amostra de estudantes universitários de Hong Kong com o objectivo de relacionar personalidade e valores sociais, tendo sido aplicado o SAPPS (Sino-American Person Perception Scale) e o Questionário de Valores Sociais de Schwartz. Os autores verificaram que todas as dimensões da personalidade apresentaram uma relação com os valores medidos. Das dimensões, a que apresentou maior número de relações foi a Abertura, que estava relacionada com maiores níveis de Auto-transcendência e Abertura à mudança; já a Agradabilidade estava relacionada com maiores níveis de Auto-transcendência e Conservação; e a Conscienciosidade com a Conservação. Em 1998, Herringer verificou que a Conscienciosidade está relacionada com a Conservação e Auto-desenvolvimento, e a Agradabilidade com Auto-transcendência. Também Dolinger, Leong e Ulicno em 1996 verificaram que a Abertura à experiência está positivamente relacionada com a Auto-transcendência e com a Abertura à mudança; a Agradabilidade com a Auto-transcendência; e a Conscienciosidade com o Auto-desenvolvimento e a Conservação.

Roberts e Robin (2000) encontraram igualmente relações entre dimensões da personalidade e os valores, nas suas investigações, concluindo que a Realização está positivamente relacionada com a Extroversão e a Conscienciosidade, mas negativamente

com a Agradabilidade e a Abertura. O Poder encontra-se igualmente negativamente relacionado com a Agradabilidade. O Universalismo está positivamente relacionado com a Abertura e com a Agradabilidade, assim como a Benevolência. Olver e Mooradian (2003) concluíram que a Abertura à experiência contribui para a prioridade que as pessoas colocam nos valores Abertura à mudança e Auto-transcendência; a agradabilidade contribui para os valores Autotranscendência e Conservação e a Conscienciosidade para a Conservação e Autodesenvolvimento.

Através de uma investigação de natureza quantitativa, Aluja e Garcia (2004) procuraram estudar a relação entre os cinco fatores contemplados no MCF e os valores, junto de 636 estudantes da Universidade de Lleida (288 do sexo masculino, 347 do sexo feminino e um não indicou o seu sexo), em Lérida, Espanha. Através da sua análise, os investigadores encontraram uma estrutura robusta de três fatores formados por 25 dos 30 valores que contemplaram o seu estudo – valores de poder social; ordem; e benevolência – encontrando diferenças entre os jovens do sexo masculino e do sexo feminino. Nos primeiros destacam os valores da ordem: ordem, limpeza e responsabilidade; e nas segundas destacam os valores de poder social: poder, prestígio e fama (Aluja & Garcia, 2004).

Em Itália, Barni e Danioni (2016), tendo como referência a Teoria dos Valores de Schwartz, centraram-se no estudo da relação entre os valores pessoais básicos e o senso de coerência (*sense of coherence* – SOC) em 594 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos. Os resultados deste estudo revelam que os valores explicaram uma proporção equilibrada das variações nos adolescentes em relação ao senso de coerência. Além disso, os valores conservadores e de auto-transcendência foram preditores do SOC, ou seja, quanto mais importância os adolescentes atribuem aos valores conservadores e à auto-transcendência, mais forte é a confiança demonstrada ao nível da perceção de que os problemas são claros, que podem ser controlados e são dignos de comprometimento.

Também Hanel e Wolfradt (2016) desenvolveram um estudo junto de adolescentes alemães, que se debruçou sobre o bem-estar, analisando a relação dos valores com as variáveis negativas. Ou seja, o estudo contemplou a relação entre os 10 valores de Schwartz com a ansiedade, a depressão, o *stress* e a esquizofrenia (construções clínicas), com as suas subdimensões: experiência incomum; desorganização cognitiva; anedonia introvertida; e inconformidade impulsiva. Os resultados evidenciaram relações positivas

entre o valor da realização e a depressão e o *stress*, e relações negativas entre ansiedade e os valores do hedonismo e estimulação. Concluíram que os valores apresentaram melhores resultados na predição de mais variáveis cognitivas – como a desorganização cognitiva – a par que as construções clínicas apresentaram melhores resultados ao nível dos valores mais afetivos, como o hedonismo (Hanel & Wolfradt, 2016).

Num estudo realizado na Suíça, com 492 adolescentes, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos e que frequentavam o 8.º e o 10.º ano, Hirschi (2008) focou-se em aferir quais as conexões e os complexos inerentes às disposições fundamentais da personalidade. O estudo integrou os traços básicos da personalidade, seis interesses vocacionais, valores de trabalho, auto-eficácia generalizada e externalidade de crenças de contolo. Os resultados encontrados no estudo de Hirschi (2008) evidenciaram cinco fatores principais:

- Interesses empreendedores convencionais;
- Disposições favoráveis de personalidade;
- Características de personalidade sócio-artísticas;
- Interesses de investigação e realistas;
- Endosso do valor de trabalho.

O investigador verificou ainda que na população adolescente estudada, os valores da afabilidade e da conscientização estão mais associados aos interesses e valores de trabalho à medida que aumenta o nível de ensino (Hirschi, 2008).

No Brasil, Nunes e Noronha (2009) analisaram as relações entre interesses, personalidade e inteligência em 211 adolescentes. Os resultados de interesse nos dois testes (Escala de Aconselhamento Profissional e o *Self Directed Search*) estiveram mais relacionados, juntamente com alguns fatores de personalidade, com exceção dos traços neuroticismo e realização, enquanto as provas de inteligência não se agruparam com interesses ou personalidade.

Por fim, e guardou-se este último estudo propositadamente para o fim, foi o estudo realizado por Parks e Guay (2009). Os autores apresentam uma meta-análise que se foca essencialmente na personalidade, os valores e a motivação, diferenciando estes constructos e explicando a sua relação. Os autores afirmam que a personalidade e os valores exercem diferentes influências nos processos motivacionais.

Para estes investigadores, personalidade e valores são constructos diferentes, explicando que a personalidade está associada ao que o indivíduo tende a fazer de forma natural e os valores, por sua vez, associam-se ao que este acredita que deve fazer (Parks & Guay, 2009). Além disso, referem que os traços de personalidade não entram em conflito entre si, o que significa que o indivíduo pode expressar extroversão e consciência, ao passo que, os valores caracterizam-se por ser uma estrutura em constante conflito face aos dilemas contextuais.

Parks e Guay (2009) criticam o facto da generalidade das investigações que estudam a motivação e a personalidade não incluírem os valores, referindo que se pode dever ao facto de os valores estarem sujeitos à influência social e, por isso, possam ser aprendidos por meio das interações sociais. Outra justificação que apontam para o facto de haverem poucos estudos sobre os valores, reside no facto de que até há bem pouco tempo era mais difícil medir os valores, que eram avaliados de forma individual (Parks e Guay, 2012). Portanto, embora existam relações entre os valores e a personalidade, é necessário ter sempre em linha de conta de que se tratam de assuntos distintos.

Nestes estudos, apesar de não nos permitirem chegar a conclusões consistentes, revelam a existência de alguns padrões. Verificando-se assim que os traços de personalidade mais associados a questões intelectuais, como abertura à mudança, agradabilidade e conscienciosidade, se encontram mais associados aos valores do que os traços mais ligados a questões afectivas, como o neuroticismo e a extroversão (Olver & Mooradian, 2003). Assim sendo, este estudo sugere que existem traços de personalidade que, por estarem associados a questões intelectuais, se associam aos valores que as pessoas definem para as suas vidas. E por outro lado, sugerem que existem dimensões da personalidade compostas por traços com características afectivas que não apresentam relação com os objectivos de vida ou valores.

No panorama português constata-se, também, a existência de poucos estudos, revelando-se contudo ainda mais escassos, na medida em que os estudos não abordam muitas vezes a relação direta entre a personalidade e os valores junto da população adolescente, no entanto, em seguida apresentam-se alguns estudos e respetivos resultados e que se consideram pertinentes e de ter em consideração na presente investigação, uma vez que uns destacam os valores e outros a personalidade e ainda outros que destacam as duas.

Marques, Silva e Taveira (2017) realizaram um estudo onde analisaram até que ponto o tipo de orientação dos valores prediz a satisfação com a vida de 562 jovens, com

idades compreendidas entre os 14 e os 22 anos. Os resultados obtidos por via da análise de regressão linear indicam que a orientação dos valores explica menos de um quarto da variabilidade da satisfação com a vida, o que suscita a necessidade de se analisar o seu poder explicativo em conjunto com outras variáveis, por exemplo, de personalidade e sociocognitivas.

Por seu lado, Gonzalez e Ribeiro (2004) estudaram a relação entre comportamentos de saúde e dimensões de personalidade em 270 estudantes universitárias, com idades entre os 18 e os 30 anos, da licenciatura em Psicologia de uma Universidade de Lisboa. Os resultados revelaram que as correlações estatisticamente significativas obtidas entre os comportamentos de saúde são baixas a muito baixas, à semelhança das correlações entre os comportamentos de saúde e as dimensões de personalidade, sugerindo que a relação entre eles não é forte. Os investigadores referem que na generalidade, os resultados parecem mostrar que os fatores de personalidade são fracos preditores dos comportamentos de saúde, relacionando-se com o fato de factores psicológicos gerais explicarem apenas uma pequena proporção da variância dos comportamentos de saúde, ao contrário do que acontece com factores sócio-cognitivos relativos a atividades específicas.

Recorrendo a uma metodologia quantitativa e transversal, Silva (2018) realizou um estudo onde investiga o efeito da afetividade e da personalidade na metacognição de 186 estudantes do ensino secundário, através do modelo *big five*. Os resultados obtidos revelaram que a afetividade positiva e o género são preditores da metacognição, destacando-se como produto desta investigação, esquemas integrativos da predição da metacognição e da predição da afetividade positiva. Estes resultados permitem compreender vários fatores que poderão incrementar a previsão do rendimento escolar de alunos do ensino secundário, pelo que devem ser tidos em consideração em futuras intervenções que visem a promoção do sucesso escolar e bem-estar em estudantes do ensino secundário.

Outro estudo que não relaciona diretamente a personalidade com os valores, mas que relaciona as dimensões da personalidade com as reações afetivas à exploração de carreira num grupo de 115 estudantes, dos quais 72 são mulheres e 43 são homens, com idades compreendidas entre os 23 e os 65 anos, é o de Faria (2013). Este seu estudo evidenciou uma relação negativa entre a satisfação com a informação e o neuroticismo, e uma relação negativa entre o *stress* com a decisão e a idade.

Já Elias (2010) focou-se no estudo da relação entre a personalidade e os valores, verificando que os valores sociais e as dimensões da personalidade se relacionam, mesmo que de forma moderada, evidenciando associações entre dimensões de personalidade e valores que englobam o poder, a procura de sucesso, a estabilidade e a actividade. Além disso, verificou também que existem dimensões da personalidade que apresentam uma estrutura puramente psicológica, e que estão associadas a questões emocionais como o controlo emocional, a impulsividade, a necessidade de pertencer a grupos, de carinho e atenção e que, por isso, não se relacionam com valores.

Acerca do modelo dos *big five*, Palma (2012) realizou um estudo onde procura identificar o papel da personalidade *Big Five* na decisão dos sujeitos de prosseguir ou não os estudos após o ensino secundário. Este estudo correlacional evidenciou que os sujeitos mais conscienciosos manifestam maior tendência para prosseguir os estudos após o secundário, comparativamente aos sujeitos com resultados inferiores nesta dimensão. A conscienciosidade é a única dimensão com capacidade preditiva para todos os grupos ocupacionais e estudos relacionados com o trabalho. O estudo demonstrou ainda uma tendência para que os sujeitos que seguiram os estudos manifestem valores superiores nas dimensões de extroversão, amabilidade e abertura à experiência, mas a maior diferença entre grupos está na conscienciosidade, na estabilidade emocional e na abertura à experiência (Palma, 2012).

Portanto, mediante o que vem sendo exposto ao longo de todo este enquadramento teórico-concetual que sustenta a investigação a realizar, constata-se que o estudo da personalidade e dos valores é essencial para compreender e até para realizar novas abordagens de entendimento sobre diferentes assuntos.

Quando se analisam os estudos realizados que destacam a relação entre os valores e a personalidade, verifica-se que a literatura internacional permite encontrar diversos estudos, mas já no contexto nacional, em Portugal, o cenário é diferente. Apesar de existirem estudos sobre a personalidade e estudos sobre os valores, poucos são os que abordam esta relação e especialmente na população adolescente. Neste sentido, é essencial explorar esta relação até para futuras intervenções.

No entanto, o número de estudos que investigam a relação entre os traços de personalidade, medidos pelo modelo de Cloninger e os valores são inexistentes. Além disso, estudos que utilizam o Big Five Model of Personality (Costa e McCrae, 1992) mostram que certos traços de personalidade relacionam-se com subtipos de valores (Aluja & Garcia, 2004).

Consideramos pertinente este estudo, não só por esta lacuna na literatura, mas também porque podemos concluir, nesta revisão da literatura, que os valores e os traços de personalidade são preditores de comportamento. Na medida em que muitos dos autores, referenciados, afirmam a complementariedade entre os traços de personalidade e os valores, existindo assim uma relação significativa entre os dois construtos.

Por outro lado, a importância do estudo desta relação não se resume aos poucos estudos portugueses existentes sobre a ligação entre a personalidade e os valores, mas também à faixa etária referente. Segundo o exposto podemos afirmar que os valores influenciam os determinantes da personalidade, na medida em que os padrões culturais e o seu sistema de valores interferem na construção da personalidade, uma vez que adquirimos os valores na aprendizagem, sendo ela influenciada pelo meio, e pelo sistema de valores implícito nele.

1.4. Objetivos e Hipóteses

O interesse teórico recente a cerca da associação que tece entre os valores e as dimensões de personalidade enquanto preditores significativos do comportamento humano têm merecido alguma atenção devido ao facto de alguns estudos sugerirem a possíveis relações entre estes construtos.

Deste modo e, partindo do modelo psicobiológico da Personalidade de Cloninger, o objetivo do estudo em questão é avaliar a relação entre a personalidade e os valores em adolescentes portugueses. Portanto a questão formulada que está investigação procura responder à seguinte: *“Será que existe relação entre os valores e a personalidade em adolescentes?”*.

Neste âmbito, em função do objetivo desenvolveu-se as seguintes hipóteses que foram alvo de testagem estatística:

- H0: Não existe uma relação significativa entre os valores e as dimensões de personalidade.
- H1: As diferentes dimensões de personalidade estão correlacionadas com os valores.
- H2: Existem diferenças de género ao nível dos valores.

2. Metodologia

De acordo com a tipologia de Montero e León (2007), este estudo é um estudo *ex post facto prospectivo*. Nesta categoria integram-se estudos cujo o objetivo principal consiste na avaliação da relação, associação entre as respetivas variáveis (Martins, 2011).

2.1. Participantes

A amostra do presente estudo é composta por um total de 313 participantes com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos ($M= 14.97$; $DP=2$). De acordo com a tipologia de caracterização da amostra, pode-se inferir que os sujeitos do presente estudo compõem uma amostra intencional não probabilística de conveniência (Almeida & Freire, 2017). Para a seriação dos participantes foram tidos em consideração os seguintes critérios de inclusão: alunos a frequentarem o terceiro ciclo do ensino básico e secundário, excluindo os alunos de outras outras nacionalidades. Ainda assim, a tipologia de ensino (ensino regular e/ou ensino profissional) não foi tido como um critério de exclusão dos participantes. Muito pelo contrário, foi uma estratégia utilizada para aceder um maior número de dados acerca das influências das variáveis sociodemográficas.

Através da tabela em baixo representada depreende-se que a amostra é constituída por ambos os géneros (60.4% sexo feminino e 39.6% sexo masculino), sendo o género feminino o mais representativo. Neste âmbito, tendo em conta a tipologia de ensino os participantes frequentam tanto o ensino regular (91.4%), bem como o ensino profissional (8,6%), deduzindo-se assim que o primeiro é o mais prevalente. Por último, relativo ao ano de escolaridade, a maioria dos participantes frequenta o 7.º ano de escolaridade (19.2 %).

Tabela 2.

Características Sociodemográficas dos participantes

Variáveis Sociodemográficas	N	%
Gênero		
Feminino	189	60.4
Masculino	124	39.6
Tipologia de Ensino		
Ensino regular	286	91.4
Ensino Profissional	27	8.6
Ano de Escolaridade		
7.º Ano	60	19.2
8.º Ano	54	17.3
9.º Ano	44	14.1
10.º Ano	59	18.8
11.º Ano	44	14.1
12.º Ano	52	16.6

Analisando as características sociodemográficas da família nuclear dos participantes, conclui-se que a escolaridade mais prevalente do pai é a licenciatura (18.8%) estando a maioria dos participantes empregados (77%). No que concerne à figura materna, a licenciatura é também a escolaridade mais representativa (22.7%), sendo o estatuto profissional empregado mais comumente assinalado (77.6%).

Tabela 3.

Características sociodemográficas da família nuclear dos participantes

Variáveis Sociodemográficas	N		%	
Escolaridade	Pai	Mãe	Pai	Mãe
1.º Ciclo	26	26	8.3	8.8
2.º Ciclo	27	27	8.6	9.1
3.º Ciclo	57	45	18.2	15.2
Secundário	58	58	18.5	19.6
Licenciatura	59	71	18.8	24.0
Mestrado	41	39	13.1	13.2
Doutoramento	28	30	8.9	10.1

Estatuto Profissional				
Estudante		1		0.3
Empregado	241	243	77	77.6
Desempregado	35	49	11.2	15.7
Reformado	7	3	2.2	1

*Na tabela representada não constam os dados omissos

2.2. Instrumentos

Questionário sóciodemográfico: O questionário sóciodemográfico foi também desenvolvido e utilizado a fim de obter informação relativa às variáveis sociodemográficas e socioculturais dos sujeitos em estudo. Este questionário incorpora questões dirigidas aos adolescentes relativas à idade, género e ano de escolaridade. Sendo também constituído por questões relativas às figuras parentais como as habilitações académicas, estatuto profissional e constituição do agregado familiar.

Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI): O TwIVI é composto por 20 itens que se propõem a medir os 10 valores motivacionais de acordo com a tipologia de Schwartz (Swchartz et al., 2012). A escala está organizada em 10 valores fazendo corresponder dois itens a cada valor: auto-direcionamento, estimulação, hedonismo, realização, poder, segurança, conformidade, tradição, benevolência e universalismo (Swchartz et al., 2012).

Ao nível do preenchimento do inventário, os participantes são convidados a selecionar o quanto se identificam de acordo com cada afirmação, utilizando uma escala tipo *likert* que varia entre “1- Não é nada parecido comigo” a “6- Muito parecido comigo” (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Ao nível da confiabilidade, este instrumento revela valores superiores ao questionário inicial dos 40 itens (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017), bem como o nível da estabilidade revela-se igualmente aceitável, avaliado através do teste-reteste (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Todos os testes estatísticos realizados revelaram-se satisfatórios ao nível da confiabilidade e validade (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Do mesmo modo, a escala dos 20 itens apresenta características psicométricas superiores à do questionário inicial dos 40 itens, tendo uma maior capacidade para criar

a relação entre os valores e variáveis externas (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

Mediante a informação recolhida, o TwIVI revelou-se uma mais valia para a presente investigação por 5 razões: 1-revela características psicométricas significativamente superiores a todos os outros instrumentos mencionados anteriormente; 2- consegue de forma mais eficaz duplicar a hierarquia de valores presente no PVQ-40; 3- o facto de dois itens corresponderem a cada valor permitem averiguar possíveis respostas aleatórias permitindo mais facilmente calcular os índices de consistência interna; 4- este inventário garante maior validade de conteúdo devido ao facto de dois itens medir um valor motivacional; 5- é um instrumento de fácil e rápido preenchimento que assegura maiores índices de motivação para a resposta, dado que é um instrumento breve podendo, por isso ser respondido num curto período de tempo (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017).

As propriedades acima indicadas foram testadas ao nível internacional (Sandy, Gosling, Schwarty & Koelkebeck, 2017). Ressalva-se que a validação para a população portuguesa encontra-se em construção (Moreira & Cunha, em preparação).

Inventário de Temperamento e Carácter-Junior (JTCD): O instrumento utilizado no estudo é uma versão portuguesa atualizada de autorrelato do JTCD, desenvolvido com base no modelo de psicobiológico da personalidade de Cloninger, para avaliação das dimensões temperamentais e do carácter em adolescentes (Moreira et al., 2012).

A adaptação do JTCD à população portuguesa foi realizada através de um estudo exploratório com 801 estudantes das escolas de zona norte do país, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (Moreira et al., 2012). Os resultados deste estudo sustentam que o JTCD apresenta boas propriedades psicométrica, nomeadamente na validade de construto e consistência interna, de moderada a forte, demonstrando perfis únicos de correlações significativas em comparação com outros instrumentos que avaliam a personalidade (Moreira et al., 2012).

Efetivamente, o JTCD é um inventário constituído por 127 itens de autopreenchimento para crianças e adolescentes. Os itens são classificados numa escala de Likert com 5 opções de resposta: “1- Completamente falso”; “2-Maioritariamente Falso”; “3- Não consigo decidir”; “4- Maioritariamente Verdadeiro”; “5- Completamente Verdadeiro”.

Este inventário foi concebido para quantificar as diferenças individuais de cada uma das 7 dimensões básicas da personalidade propostas pelo modelo: quatro dimensões do temperamento- procura de novidade; evitamento do perigo; dependência de recompensa; persistência; e, três dimensões do carácter- determinação, cooperação e autotranscendência.

Ao nível do temperamento, a procura de novidade (NS) é constituída pelas seguintes facetas: excitabilidade exploratória, extravagância e desordem; o evitamento do perigo (HA) organiza-se nas seguintes facetas: ansiedade antecipatória, medo da incerteza, timidez e fadiga; a dependência de recompensa (RD) encontra-se dividida nas seguintes subdimensões: sentimentalismo, abertura à comunicação, apego e dependência; e, por último, a persistência (PS) pelas facetas: resistência ao esforço, ambição, trabalho e perfeccionismo.

Relativo à dimensão de carácter organiza-se em três subdimensões: autodiretividade (DS) constituída pelas seguintes facetas: responsabilidade, propósito, recursos, auto-aceitação e congruência; a dimensão Cooperação (CO) que se organiza da seguinte forma: aceitação social, empatia, altruísmo, compaixão e consciência; e a auto-trancendência (ST) descrita em três facetas: abstração, identificação transpessoal e espiritualidade (Moreira et al, 2012).

Segundo alguns estudos, este instrumento apresenta características psicométricas adequadas em diferentes versões culturais (Asch et al., 2009; Quintana e Muñoz, 2010; Moreira, Oliveira et al, 2011; Moreira, et al., 2012; Vangberg, et al, 2013) o que justifica a sua escolha para o estudo em questão.

2.3.Procedimentos

2.3.1. Recolha de dados

O processo de recolha de dados decorreu de fevereiro a junho em colaboração com os respetivos estabelecimentos de ensino (duas escolas localizadas na zona norte do país). As escolas que compõem o estudo foram selecionadas por motivos de ordem pragmática, como a orientação geográfica e a disponibilidade para a participação e colaboração na investigação.

Inicialmente, procedeu-se ao contacto directo com os órgãos e entidades de gestão e direção dos estabelecimentos de ensino. Neste contacto e protocolo estabelecido com as escolas, as entidades superiores foram informadas da relevância e dos objetivos de estudo e dos critérios de inclusão dos alunos, de modo a convidar a colaboração das escolas no estudo.

Em seguida, foi entregue também um documento no qual constou todo o procedimento e propósito, incluindo o respetivo conjunto de questionários que seriam alvo de preenchimento por parte dos educandos. Após ter sido concedido a autorização, os diretores de turma foram contactados no sentido de facilitar todo este processo, nomeadamente para alertarem os alunos diariamente para a importância da entrega da autorização do encarregado de educação para participação no estudo. Neste âmbito, procedeu-se à articulação com os diretores de turma para a apresentação da questão de investigação e o objetivo do estudo nas aulas de educação para a cidadania e, posterior entrega do referente documento de autorização para os encarregados de educação assinarem. Após a entrega dos documentos de autorização, foi distribuído por turma um envelope que continha o devido consentimento informado e a autorização agrafado junto aos questionários: o questionário sociodemográfico criado para o estudo em questão, o Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI) (Sandy, Gosling, Schwartz, & Koelkebeck, 2016; Moreira & Cunha, em preparação) e o Inventário de Temperamento e Carácter-Junior (Moreira, et al., 2012). Assim, os questionários foram preenchidos pelos alunos em contexto de sala de aula com a presença do investigador, de forma assegurar o esclarecimento de potenciais dúvidas e o preenchimento da globalidade dos itens de modo honesto, evitando o desvirtuar dos resultados do estudo. Nas turmas que não foi possível a aluna investigadora padecer, foi realizado um documento e introduzido nos envelopes, numa tentativa de garantir as condições necessárias para o processo.

A recolha destes questionários era realizada novamente em sala de aula. Os procedimentos realizados tiveram sempre em consideração os pressupostos éticos subjacentes à prática da investigação, nomeadamente da investigação em psicologia clínica (OPP, 2011). A recolha dos dados foi pautada pelo respeito e salvaguarda da integridade física e psicológica dos participantes deste estudo.

Portanto, a participação dos alunos dos estabelecimentos de ensino foi voluntária garantido os princípios éticos de anonimato e confidencialidade dos dados, assegurando

que os mesmos se destinavam única e exclusivamente para efeitos de investigação, podendo os mesmos, a qualquer momento, anular a sua colaboração no estudo.

Também foram sedidos os contactos para a comunicação entre as instituições e os investigadores, caso existe-se interesse por parte do participante de aceder às informações e resultados do estudo.

Finalmente, procedeu-se ao tratamento estatístico, realizado através do programa SPSS (Statistic Package for Social Sciences).

2.3.2. *Procedimentos de análise de dados*

No decorrer do período da recolha de dados foi criado uma base com o intuito de posterior utilização para tratamento dos mesmos, com recurso ao programa IBM SPSS para o Windows versão 23. Foram tidos em consideração alguns aspetos importantes como o preenchimento do campo omissos com o valor de 999 de forma a garantir que numa fase sequente não existiam interferências com o valor válido previamente inserido na base de dados.

Após a recolha completa dos dados, os mesmos foram introduzidos respeitando as características sociodemográficas dos sujeitos da amostra presentes no questionário sócio-demográfico, assim como os restantes questionários utilizados em estudo: Inventário de Valores de Vinte Itens (Sandy, Gosling, Schwartz, & Koelkebeck, 2016; Moreira & Cunha, em preparação) e o Inventário de Temperamento e Carácter Junior (Moreira, et al., 2012), anteriormente descritos.

Para caracterização da amostra recorreu-se à estatística descritiva que, segundo Martins (2011) é aquela que permite descrever sumariamente um conjunto de dados. Para tal recorreu-se às medidas de tendência central, mais especificamente à média.

Com o intuito de cumprir com os requisitos e objetivo previamente estipulados no estudo, procurou-se proceder à estatística inferencial com o objetivo de retirar conclusões à cerca do público em estudo tendo por base os resultados obtidos na amostra que possibilitou o teste das hipóteses da investigação em curso (Martins, 2011). Dado que a primeira hipótese de investigação delineou e definiu a realização de um teste de associação procedeu-se à

elaboração do coeficiente de correlação de *Pearson* que permite verificar se duas variáveis intervalares se encontram associadas (Martins, 2011). Tal objetivo enquadra-se no presente estudo, uma vez que o construto personalidade e valores classificam-se como duas variáveis intervalares.

De igual modo, procedeu-se à realização de um *teste-T* para amostras independentes com o intuito de averiguar se as médias da variável dependente (valores) diferem significativamente uma da outra dos grupos em comparação (género) (Martins, 2011).

4. Resultados

Com o objetivo de responder às hipóteses previamente delineadas, expõem-se agora os resultados obtidos no presente estudo.

H1: As diferentes dimensões de personalidade estão correlacionadas com os valores.

Relativo às dimensões do temperamento, atentando na dimensão Procura de Novidade (NS), observa-se que, existe uma correlação negativa fraca com o valor de conformidade ($r = -.11$; $p = .03$).

Adicionalmente, constata-se ainda que existe uma correlação positiva fraca com os valores relacionados com a estimulação ($r=.33$; $p=.00$), hedonismo ($r=.30$; $p= .00$), realização ($r= .25$; $p=.00$) e poder ($r= .46$; $p=.00$).

Do mesmo modo, a dimensão da personalidade Evitamento do perigo (HA) apresenta uma correlação positiva fraca com os valores da conformidade ($r = .14$; $p = .01$), tradição ($r = .20$; $p = .00$) e estimulação ($r = .15$; $p = .00$).

No que diz respeito à dimensão de dependência de recompensa (RD) depreende-se que a mesma apresenta uma correlação fraca, no entanto positiva com cinco valores entre os quais: conformidade ($r= .19$; $p = .00$); tradição ($r= .18$; $p = .00$); benevolência ($r = .21$; $p = .00$); universalismo ($r= .26$; $p = .00$) e, por último, segurança ($r= .15$; $p= .00$).

Relativo à dimensão da personalidade persistência (PS), esta correlaciona-se com o valor e tradição ($r= .19$; $p =.00$) e com o valor de poder ($r =.20$; $p = .00$). Ainda assim, constata-se de igual modo uma correlação positiva fraca.

No que se refere ao carácter, constituinte da personalidade, na dimensão autodiretividade (SD) observa-se correlações positivas fracas com a tradição ($r = .20$; $p = .00$) e com o valor estimulação ($r=.13$; $p = .02$).

Tabela 4.

Correlações de Pearson da personalidade e dos valores (n=313)

	Conformidade	Tradição	Benevolência	Universalismo	Autodirecionamento	Estimulação	Hedonismo	Realização	Poder	Segurança
NS	-.117*	.037	-.084	-.022	.088	.337**	.300**	.258**	.462**	.060
HA	.141*	.208**	.025	-.017	-.068	.152**	.010	.098	.110	.024
RD	.199**	.184**	.215**	.268**	.046	.033	.081	.069	-.085	.157**
PS	.093	.195**	-.021	-.054	-.040	.051	.094	.084	.201**	.048
SD	.078	.208**	.049	-.027	-.021	.132*	.110	.026	.079	.072
CO	.157**	.261**	.279**	.222**	.268**	.266**	.228**	.221**	.213**	.205**
ST	.109	.160**	.138*	.180**	.201**	.214**	.148**	.183**	.049	.110

*NS= Procura de Novidade; HA= Evitamento do Perigo; RD= Dependência de Recompensa; PS= persistência; SD= Autodirectividade; CO= Cooperação; ST= Auto transcendência

* p<0,05; **p<0,01

Subjacente ainda ao carácter, surge a dimensão cooperação (CO) que apresenta uma correlação estatisticamente significativa fraca com todos os valores motivacionais de Schwartz: conformidade ($r = .15$; $p = .00$); Tradição ($r = .26$; $p = .00$); Benevolência ($r = .27$; $p = .00$); universalismo ($r = .22$; $p = .00$); autodirecionamento ($r = .26$; $p = .00$); estimulação ($r = .26$; $p = .00$); hedonismo ($r = .22$; $p = .00$); realização ($r = .22$; $p = .00$); poder ($r = .21$; $p = .00$) e segurança ($r = .20$; $p = .00$).

Por último, a dimensão de carácter autotranscendência (ST) apresenta uma correlação estatisticamente significativa fraca com todos os valores, exceto o valor de conformidade, poder e segurança. Verificando as seguintes correlações nos restantes: tradição ($r = .16$; $p = .00$); benevolência ($r = .13$; $p = .01$); universalismo ($r = .18$; $p = .00$); autodirecionamento ($r = .20$; $r = .00$); estimulação ($r = .21$; $p = .00$), hedonismo ($r = .14$; $p = .00$) e realização ($r = .18$; $p = .00$).

Tendo em conta os resultados obtidos na tabela 4, depreende-se que apesar de fraca, existe correlação entre dimensões da personalidade e os valores, o que indica rejeição da H0 e aceitação da H1.

H2: Existem diferenças de género ao nível dos valores.

Tabela 5.

Apresentação dos resultados relativos às diferenças de género ao nível dos valores (n=313)

	Feminino (n= 189) Média (DP)	Masculino (n= 124) Média (DP)	Valor de p
Conformidade	4.99 (0.89)	4.77 (0.79)	0.03*
Tradição	3.26 (1.14)	3.20 (1.35)	0.71
Benevolência	5.12 (0.88)	4.58 (0.90)	0.00*
Universalismo	5.30 (0.88)	4.83 (0.97)	0.00*
Autodirecionamento	4.86 (0.81)	4.72 (0.96)	0.16
Estimulação	4.35 (1.10)	4.37 (1.05)	0.85
Hedonismo	5.18 (0.89)	5.09 (1.01)	0.42
Realização	4.65 (1.00)	4.76 (1.00)	0.34
Poder	3.33 (1.29)	3.70 (1.33)	0.02*
Segurança	4.37(1.02)	4.15(1.06)	0.07

*sig < 0.05

Tendo em conta os resultados apresentados, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas no género, no que toca aos valores.

Os valores de conformidade ($M = 4.99$; $DP = 0.89$), tradição ($M = 3.26$; $DP = 1.14$), benevolência ($M = 5.12$; $DP = 0.88$), universalismo ($M = 5.30$; $DP = 0.88$), autodirecionamento ($M = 4.86$; $DP = 0.81$), hedonismo ($M = 5.18$; $DP = 0.89$), e segurança ($M = 4.37$; $DP = 1.02$) encontram-se, em média, mais presentes no género feminino.

Já no que diz respeito ao género masculino, em média, são os valores da estimulação ($M = 4.37$; $DP = 1.05$), realização ($M = 4.76$; $DP = 1.00$) e poder ($M = 3.70$; $DP = 1.33$), que estão mais presentes.

Por conseguinte, observa-se que estamos perante diferenças de médias significativas entre os dois grupos em comparação no que toca aos valores de conformidade ($n = 2.96$; $p = .00$), benevolência ($n = 5.24$; $p = .00$), Universalismo ($n = 4.31$; $p = .00$) e poder ($n = -2.45$; $p = .01$).

Desta forma, conclui-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e masculino, no que diz respeito à variável valores.

5. Discussão dos resultados

O objetivo primordial da presente investigação foi verificar se os valores e a personalidade estão correlacionados.

Neste âmbito, este estudo revela-se pertinente na medida em que procurar compreender se os valores influenciam o desenvolvimento da personalidade em adolescentes. E, desta forma, potenciar a predição, compreensão e explicação das bases motivacionais do comportamento. Este estudo revela-se fulcral para o objetivo da psicologia, na medida em que tal como está ciência, procura justificar os processos psicológicos envolvidos no comportamento humano. Ao mesmo tempo, apesar de existir um vasto campo de investigação que estudam estas variáveis de forma isolada, poucos são os estudos que analisam a complementaridade destes constutos, apesar similares e diferentes na sua génese. Portanto, espera-se que este estudo possa contribuir para maiores conhecimentos teóricos em psicologia clínica.

Assim sendo, a discussão dos resultados será realizada de acordo com a ordem das hipóteses previamente formuladas.

H1: As diferentes dimensões de personalidade estão correlacionadas com os diferentes valores.

Para que este ponto possa ser discutido de forma coerente é necessário ressaltar que o instrumento utilizado na presente investigação relacionado com a variável valores (Inventário de Valores de Vinte Itens) encontra-se no momento a ser aferido para a população portuguesa. Neste âmbito, os estudos enumerados no enquadramento teórico previamente descritos recorreram a outras versões do mesmo instrumento de mensuração da variável em análise, sendo, no entanto possível estabelecer de igual modo um grau de comparação.

Importa salientar ainda que, o modelo utilizado na presente investigação é uma descrição detalhada que incorpora de forma dinâmica todas as dimensões envolvidas na definição do perfil de personalidade de um indivíduo, pelo que as definições codificadas para cada dimensão da personalidade diferem de outros modelos.

Desta forma, nesta discussão estabelece-se um grau de comparação entre o modelo psicobiológico da personalidade de Cloninger (1994) e o modelo Big Five de Costa e McCrae's (1985, 1992). Para tal, estabelece-se um parelo entre as 7 dimensões da

personalidade do modelo psicobiológico de Cloninger e as 5 dimensões de personalidade Big Five, apesar de este não ser o objetivo do estudo, todavia só assim é possível estabelecer um grau de comparação, uma vez que a maioria dos estudos que correlaciona os valores e as dimensões de personalidade utilizam o modelo Big Five.

De acordo com o artigo de Moreira et. al (2012), as dimensões da personalidade do modelo Big Five correlacionam-se com algumas dimensões do modelo de Cloninger que passo a citar: extroversão correlaciona-se positivamente com RD e CO; neuroticismo correlaciona-se positivamente com RD, HA e uma correlação negativa com SD; abertura apresenta correlação positiva com CO assim como a agradabilidade; e, por último, a conscienciosidade correlaciona-se positivamente com PS, CO, RD e negativamente com a dimensão NS. A dimensão ST não se correlaciona com nenhuma das dimensões do modelo Big Five, uma vez que a autotranscendência é uma dimensão exclusiva do modelo de Cloninger.

Mediante o exposto, de seguida expõem-se a análise qualitativa dos resultados obtidos em estudo. Tendo em conta a hipótese formulada, depreende-se que os valores e a personalidade estão correlacionados. Tal conclusão corrobora com outros estudos realizados ao longo do tempo como é o caso da investigação de Luk e Bond (1993); também de Roberts e Robin (2000); Aluja e Garcia (2004); e, mais recentemente, Barni e Danioni (2016).

Considerando as dimensões do temperamento e as as relações com o modelo de valores de Schwartz depreende-se que são maioritariamente positivas, contudo de fracas correlações.

As dimensões do temperamento não apresentam correlações significativa com os valores de benevolência e autodeterminação. Mais detalhadamente, observa-se que a dimensão de procura de novidade (NS) correlaciona-se positivamente com os valores de estimulação ($r=.34$), hedonismo ($r=.30$), realização ($r=.26$) e poder ($r=.46$), em comparação com o estudo de Roccas, Sagiv, Schwartz e Knafo (2002), que utiliza o modelo do Big five, os seus resultados apontam para correlações positivas entre a conscienciosidade e os valores de realização ($r=.22$) e conformidade ($r=.16$).

Ao passo que este estudo aponta para uma correlação negativa com o valor conformidade ($r=-.12$).

Ora, estes resultados parecem evidentes, uma vez que indivíduos com elevado nível de NS caracterizam-se por altos níveis dopominérgicos no seu sistema neuronal e, portanto, são tendencialmente mais curiosos, extravagantes, impulsivos, em constante

procura de sensações novas e tendem a evitar situações aborrecidas, monótonas ou que potenciem a punição, apresentam baixa tolerância a regras e frustração (Cloninger et al., 1993).

De facto, estes resultados apontam para a existência de associações com os valores de estimulação, hedonismo, realização e poder, o que se pode ressaltar que a dimensão NS parece ser mais compatível com estes valores que enfatizam a excitação, procura de desafios quotidianos, abertura à mudança, procura de prazer, satisfação e gratificação sensorial para si mesmo.

Importa salientar que nesta população (adolescentes) as dimensões NS são mais elevadas, devido ao facto de os processos psicobiológicos estarem numa fase vital de maturação (Moreira et al., 2012).

Ao passo que, as correlações negativas da dimensão NS com o valor conformidade revelam que indivíduos que privilegiam o valor conformidade caracterizam-se por inibir ações e incentivos que possam violar expectativas, normas sociais e perturbar ou prejudicar outras pessoas (Schwartz et al., 2012). Portanto, porventura são indivíduos com baixos níveis de NS e tendem a ser apáticos, modestos, discretos, reservados e serenos (Cloninger, 2004).

Relativo à dimensão HA, está positivamente correlacionada, apesar de fraca, com os valores de conformidade ($r=.14$) e tradição ($r=.21$). No meu entender, tais resultados são congruentes, pois estes valores enfatizam a manutenção da ordem social e evitamento de conflitos sociais, sendo, portanto, baseados no sistema de ansiedade que Schwartz et al (2012) incorporam no modelo. Na mesma medida, indivíduos com elevados níveis de HA são definidos como introvertidos, ansiosos e negativistas (Cloninger, 1993) o que é correspondente com estes valores correlacionados.

Em comparação ao estudo de Roccas, Sagiv, Schwartz e Knafo (2002), os resultados acima elencados com a dimensão HA são mais conclusivos, uma vez que no estudo de Roccas, Sagiv, Schwartz e Knafo não existe associação entre a dimensão neuroticismo e os valores.

Já a dimensão RD está correlacionada com os valores de segurança ($r=.16$), conformidade ($r=.20$), tradição ($r=.18$), benevolência ($r=.22$) e universalismo ($r=.27$). Efetivamente, indivíduos com elevados níveis de RD necessitam de reconhecimento e aprovação dos outros (Cloninger, 2004). Na mesma medida, a dimensão RD corresponde aos valores anteriormente evocados, pois os mesmos enfatizam o crescimento e auto-expansão e na autoproteção, sendo o seu foco meramente social (Schwartz et al, 2012) o

que se enquadra na dimensão RD. Estes resultados refutam o estudo realizado por Roberts e Robin (2000) que afirmam que o valor realização está positivamente relacionado com a extroversão de acordo com o modelo Big five.

Ainda relativo à dimensão PS, apresentou uma correlação positiva fraca com o valor poder ($r=.20$), o que se torna significativo, uma vez que este valor enfatiza a valorização do status social, o controlo e o domínio sobre os outros (Schwartz et al, 2012), pelo que estes valores são concordantes com a dimensão PS. Como afirma Cloninger (2004) indivíduos com elevados níveis de PS são persistentes, estáveis e preserverantes.

Quanto às dimensões de carácter as correlações são significativamente positivas, no entanto, igualmente fracas. A dimensão SD só se correlaciona com dois valores- a tradição ($r=. 21$) e a estimulação ($r=.13$). Estes dois valores parecem evidenciar associações com a dimensão SD que diz respeito à capacidade de autocontrolo, regulação e adaptação do comportamento do indivíduo, tendo em conta os valores e objectivos individuais. Indivíduos com elevada SD são caracterizados pela sua autonomia e capacidade de controlar as suas acções, são determinados, objectivos, responsáveis, competentes, têm elevada autoestima e, portanto, priorizam valores como a estimulação e tradição. Indivíduos com baixos níveis desta dimensão são dependentes, instáveis, imaturos, apáticos, sem objectivos (Cloninger et al., 1993).

A dimensão CO que diz respeito à aceitação do outro, aceitação, tolerância, sociabilidade, empatia, ética, altruísmo, compaixão, e no limite, dedicam-se totalmente aos outros (Cloninger et al., 1993). No entanto, esta é a dimensão da personalidade que apresenta maior relação com todos os valores do modelo motivacional de Schwartz.

Estes resultados permitem depreender que sendo os valores organizados de acordo com a cultura e área geográfica em que o indivíduo se desenvolveu (Schwartz et al., 2012), naturalmente que todos os valores apresentam associações com a dimensão CO, pois esta dimensão da personalidade caracteriza-se, na sua essência, pela preocupação para com o outro e, portanto priorizam valores que preservem o bem-estar e sejam aceites em grupo, definindo igualmente o seu papel.

Naturalmente, que o valor benevolência-preocupação para com o outro- revelou melhor correlação.

Por outro lado, indivíduos com baixos níveis de CO são intransigentes, intolerantes, insensíveis, vingativos, rancorosos, críticos, oportunistas e nalguns casos têm comportamentos antissociais (Cloninger, 2004), portanto, supõem-se que não priorizam valores de universalismo, benevolência.

Tais resultados corroboram com os resultados do estudo de Lul e Bondi (1993) que afirmam que a agradabilidade está relacionada com maiores níveis de autotranscendência e tradição. Porém, neste estudo em questão, os resultados revelam-se superiores comparativamente com os autores anteriormente evocados, uma vez que a dimensão cooperação encontra-se correlacionada com 10 valores analisados.

Por último, a dimensão ST demonstra uma relação positiva com 7 dos valores do modelo de Schwartz, sendo que a correlação mais significativa com o valor de estimulação ($r=.21$), tal correlação, na minha ótica, ocorre inesperadamente, pois indivíduos com altos níveis de ST tendem a ser imaginativos, idealistas, pacientes e racionais. Pelo contrário, os indivíduos que enfatizam o valor estimulação valorizam desafios quotidianos e abertura à mudança, sendo foco individual, conforme Schwartz teorizou.

Em resumo, os resultados concluem que existe maior correlação entre as dimensões de carácter da personalidade do que as dimensões do temperamento. Na minha ótica, estes resultados podem estar relacionados com o facto de as dimensões de carácter serem uma reacção consciente em estreita relação com os processos cognitivos (Hansenne, 2004), estando em constante maturação ao longo da vida (Hansenne, 2004; Moreira et al, 2012), especialmente na adolescência.

Assim, subentende-se que tais resultados confirmam que o modelo psicobiológico da personalidade providencia medidas práticas com uma boa construção e validade preditiva. Demonstra a importância de medir os construtos psicobiológicos para obter fatores lineares amplos sem retirar o indivíduo do contexto biopsicosocial.

Deste modo, descobriu-se que este modelo retira mais informações do que do modelo do big Five. Uma vez que a redução da personalidade a 5 fatores lineares aparenta ser inadequada para o entendimento dos processos de desenvolvimento, uma vez que a personalidade e os valores são processos dinâmicos nos quais o indivíduo deve ser entendido em situações específicas dentro do seu contexto biopsicosocial.

Apesar de o modelo Big-Five ser considerado superior aos outros modelos de personalidade no estudo da relação entre valores e personalidade, anteriormente, o modelo psicobiológico não foi utilizado para o estudo desta matéria. O modelo Big-Five deriva da análise fatorial linear sendo, por isso muito improvável que os seus fatores correspondam aos processos biopsicosociais do indivíduo, que são fundamentais durante o desenvolvimento (Cloninger, 2008; Cervone, 2005). Sendo que o desenvolvimento psicossocial da personalidade depende de interações recíprocas que induzem correlações

entre muitos processos distintos (Cicchetti, 2009; Cloninger, 1997), que podem ser confundidos quando reduzidos a aproximações lineares por análise fatorial, conforme utiliza o modelo Big five.

Assim, subentende-se que o modelo psicobiológico da personalidade evita a falsa suposição de linearidade na construção das suas medidas de personalidade.

O estudo do desenvolvimento da personalidade e da sua relação com os valores não são apenas úteis na medida em que podem ser preditivos de comportamentos, mas também, serem medidas de mais valor em si mesmos, pelo que estudos futuros podem aprofundar estas variáveis.

H2: Existem diferenças de género ao nível dos valores

De acordo com o estudo de Aluja e Garcia (2004) existem diferenças ao nível dos valores entre jovens do sexo masculino e do sexo feminino. Associado ao primeiro grupo encontram-se os valores de ordem, já o segundo encontram-se associados os valores de poder social.

Neste âmbito, verifica-se que os resultados da presente investigação corroboram com a investigação de Aluja e Garcia (2004), uma vez que associado ao género feminino, encontram-se os valores de conformidade, tradição, benevolência, universalismo, autodirecionamento, hedonismo e segurança. Ao passo que, relativo ao sexo masculino torna-se evidente a presença dos valores de estimulação, realização e poder. Um estudo realizado por Lee *et al.* (2017), com crianças australianas com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos, evidencia ainda que, tendo em conta os géneros, existem diferenças entre as meninas e os meninos. Ou seja, apesar de meninas e meninos partilharem a mesma estrutura de valores, existem diferenças ao nível das prioridades de valores: os meninos priorizam valores como o autoaperfeiçoamento e a abertura à mudança de valores; já as meninas atribuem maior relevo a valores como a conservação e a autotranscendência (Lee et al., 2017). Apesar de não se poder estabelecer comparações devido à faixa etária referente, estes resultados para corroborar com os resultados do estudo presente no documento.

Também García, Balbero e Muñoz (2017) concluíram que os adolescentes priorizam os valores de ordem superior, como a transcendência e a abertura à mudança. Os investigadores concluíram ainda que os valores que menos enfatizavam eram os de conservação.

Em contraste, os resultados sugerem que existem diferenças significativas em relação ao género, sendo o género feminino mais direcionado para valores de autotranscendência e o sexo masculino para valores de poder social. Neste âmbito, concluímos que o nosso estudo corrobora com estes resultados.

Tais resultados não parecem descabidos, e ainda que seja notório o intervalo de tempo entre o estudo dos autores anteriormente evocados para os resultados do estudo em apreciação, não podemos deixar de ressaltar que a ânsia dos valores de estimulação pelo desconhecido está bem demarcada na formação e desenvolvimento dos jovens do sexo masculino.

Por outro lado, a ideia concebível do seu poder na sociedade e dominação sobre o outro género é algo que também é construído ao longo do tempo e, por isso enraizado neste grupo social. Podemos posteriormente evocar que, estando presente o poder e a estimulação, o valor da realização facilmente se forma e prevalece no quotidiano do indivíduo. Esta visão é assim incorporada na de Schwartz (2013), dado que, os valores refletem aquilo que é aceite em sociedade.

Ora, existe sempre a ideia pré-concebida que o sexo feminino não vive tanto para a estimulação, mas sim mais para a conformidade, para a tradição ou mesmo para a benevolência. Importa, no entanto, ressaltar que estes resultados estão implícitos à sociedade em que nos inserimos, tal como os valores. Parece obvio que, se realizássemos uma investigação das sociedades mais orientais os resultados seriam completamente díspares.

Por outro lado, se os participantes da presente investigação tivessem contacto com outras culturas, os seus valores também seriam influenciados, uma vez que observamos que este construto não é algo estável, mas influenciado pela cultura em que estamos inseridos e que os jovens acreditam que devem fazer, que conseguem colocar em prática (Parks & Guay, 2009). Sendo igualmente notória, os papéis de género factores preponderantes na construção hierárquica dos próprios valores, uma vez que os adolescentes estão a estruturar a sua identidade, pelo que procuram corresponder às expectativas, normais e padrões (sociais e culturais) no qual se inserem.

Ainda assim, importa salientar que sendo a adolescência uma fase desenvolvimental a hierarquia de valores para adolescentes difere dos adultos (García, Barbero & Moñoz, 2017), pelo que é necessário considerar as influências que exerce na construção do seu sistema individual de valores.

Não podemos deixar ainda de realçar que, os resultados obtidos na análise da diferença de valores entre os géneros não deixam de ter uma enorme carga subjetiva. Primeiro porque, tal como referido anteriormente, os valores dependem da sociedade e do meio onde estamos inseridos, e depois pela satisfação que cada indivíduo concentra sobre os valores. Podemos assim enumerar o estudo de Marques, Silva e Taveira (2017), que comparam os valores com a satisfação com a vida, concluindo que a orientação dos valores não consegue por si só explicar de que modo aquele sujeito se encontra satisfeito com a sua vida.

Portanto, depreende-se assim que, embora existam diferenças de género entre os valores, tal como se constata perante os resultados obtidos no presente estudo, elas são influenciadas por inúmeros fatores, e necessitam de uma co-análise com aquilo que nos é intrínseco, ou seja, com a outra variável em análise no presente estudo: a personalidade. Só assim conseguimos uma visão plena da relação dos valores e da personalidade, ressaltando assim a importância do presente estudo no avanço da construção científica.

4.1. Limitações do estudo

Naturalmente, este estudo não está isento de limitações, pelo que será sistematizado em seguida tal objetivo.

A primeira limitação do estudo, prende-se com a área geográfica, apesar da amostra ser significativa (n: 313) os dados reportam apenas a indivíduos da zona norte do país, pelo que não permite a generalização dos resultados.

De igual modo, ainda relativo à constituição da amostra, uma segunda limitação diz respeito ao facto de muitos dos educandos não entregarem os consentimentos informados aos pais impossibilitando a sua participação no estudo.

Ainda assim, sendo a adolescência uma fase vital com diversas alterações biopsicossociais, no qual o indivíduo encontra-se a organizar todas as suas estruturas, pode resultar em informações inconclusivas fruto da necessidade de maturação dos processos psicobiológicos, pelo que será natural que o facto de se realizar uma investigação nesta população-alvo possa condicionar, em certa medida, os resultados.

Um outro ponto, referente a recolha de dados, muitos dos questionários não estavam totalmente preenchidos impossibilitando a sua utilização no estudo e consequentemente diminuindo ao tamanho da amostra. O facto de a amostra ter sido

recolhida apenas em ambiente escolar pode enviesar os dados uma vez que exclui todos aqueles que não estão inseridos no sistema de ensino.

Relativo aos instrumentos mobilizados, uma limitação, também apontada por Cloninger e Zohar (2011) é o facto de os dados terem sido recolhidos recorrendo ao instrumento de auto-relato o que pode influenciar os dados devido à subjectividade das respostas (Cloninger & Zohar, 2011), sendo a personalidade avaliada neste âmbito. Adicionalmente, o facto de o Inventário de Valores de Vinte Item (IVVI) estar a ser aferido para a população portuguesa (Moreira & Cunha, em preparação), pode ter condicionado os resultados, uma vez que a utilização de escalas meramente traduzidas de outras culturas pode condicionar todo o conjunto de resultados.

Como se constatou anteriormente, sendo os valores uma variável complexa e demasiado abstrata para a análise através de um único instrumento, os valores diferem de cultura e área geográfica, pelo que um instrumento meramente traduzido pode condicionar a mensuração da variável e, por conseguinte todo o conjunto de resultados.

Por último, a falta de estudos sobre esta matéria limitou interpretações mais detalhadas e condicionou a realização de análises hierárquicas das variáveis moderadores, tornando difícil identificar qual construto está a provocar a moderação, porque os moderadores podem estar correlacionados.

4.2. Implicações teóricas e futuras investigações

Neste âmbito, este estudo oferece a primeira investigação sobre a relação entre as dimensões de personalidade e os valores humanos. Os resultados demonstram que a personalidade e os valores estão relacionados de maneira previsível.

Muito embora, este seja o primeiro estudo desenvolvido sobre o modelo psicobiológico de Cloninger e os valores em adolescentes, torna-se importante que este estudo seja replicado, noutras culturas e mesmo na nossa, no sentido de avaliar se tais resultados mantêm consistência. O modelo psicobiológico da personalidade apresenta vantagens em convencionar hipóteses pertinentes, tanto no plano biológico, como no plano clínico, sendo por isso um modelo inovador e interacionista da personalidade, com evidências robustas ao nível internacional e nacional (Moreira et al. 2012). A necessidade de compreender a relação das dimensões da personalidade e os valores diz respeito ao

fato de estas duas variáveis poderem influenciar o comportamento humano (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Neste âmbito, este estudo aponta para a importância de três direções futuras amplas que permitam desenvolver uma compreensão mais integrativa do indivíduo:

- a) Introduzir mais variáveis individuais para potenciar uma compreensão mais integrativa das estruturas e características psicológicas do indivíduo;
- b) Analisar as direções intercausais das diferentes características do indivíduo para compreender como é que os valores e a personalidade se desenvolvem;
- c) Integrar outros domínios de investigação, como por exemplo a neurociência que permite compreender como funcionam estas estruturas ao nível neuroanatômico.

Efetivamente, os estudos têm apontado para associações entre os valores e traços de personalidade, sendo este o primeiro estudo a correlacionar as diferentes dimensões de personalidade e os valores em adolescentes. Além de traços de personalidade e valores incluem objetivos, necessidades, crenças, atitudes e temperamento, importa estabelecer as bases de conceptualização das semelhanças e diferenças destes construtos.

Algum trabalho foi conduzido nessa direção, todavia é necessário continuar a investir nesta matéria para a compreensão mais integrativa.

Ainda assim, seria um tópico interessante incluir variáveis externas com o objetivo de estudar as relações e o comportamento das variáveis. Veja-se, por exemplo, uma vez que as diferentes dimensões de personalidade foram associadas como preditores de BES (Cloninger & Johar, 2011) seria interessante explorar se os valores influenciam as dimensões de personalidade e em que medida os valores interferem com o BES, potenciando assim a compreensão do papel moderador das referidas variáveis.

Ao nível longitudinal, embora compreende-se que existe relação dos valores e personalidade, não se consegue compreender o papel mediador da personalidade sobre os valores ou vice-versa, o que não reflete como é que os dois se influenciam ao longo do tempo. Alguns investigadores sugeriram mecanismos para efeitos recíprocos de características e valores (Caprara et al., 2006; Roccas, Sagiv, Schwartz & Knafo, 2002; Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015), e uma multiplicidade de estudos começou a teorizar e examinar as possíveis inter-relações entre os dois (por exemplo, Bilsky & Schwartz, 1994; Olver & Mooradian, 2003; Roccas, Sagiv, Schwartz & Knafo, 2002;

Schermer et al., 2011; Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015). Acresce que, sendo os traços geralmente considerados mais inatos; portanto, poder-se-ia argumentar que, se um deles influenciasse o outro, seriam traços (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015). Alternativamente, pode-se argumentar que os valores influenciam os traços - por exemplo, quando alguém se torna pai ou mãe, os domínios de valor da benevolência e da segurança podem se tornar mais importantes para eles, o que faz com que ocorra a mudança na hierarquia de valores, provocando alterações comportamentais e pode, com o tempo, levar a mudanças significativas nas características individuais (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Efetivamente, este estudo procurou estudar as relações destes construtos em adolescentes, no entanto seria interessante ao nível longitudinal analisar a natureza recíproca destes construtos ao longo do desenvolvimento

Relativo à questão como a personalidade e os valores estão relacionados pode ser mais facilmente respondida se procurarmos na literatura outras formas de entender estes construtos. Ambos (os traços e valores) são construções psicológicas - eles representam processos complexos que ocorrem ao nível neuronal. Quer isto dizer que, as inclusões dos processos neurais nas investigações podem cooperar no sentido de responder a algumas questões.

Concluiu-se que o lobo frontal desenvolve-se mais tarde na vida de um indivíduo, não atingindo a plena maturidade até o início da idade adulta (Sowell, Thompson, Holmes, Jernigan & Toga, 1999; Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015). Este facto sugere que os processos psicológicos que envolvem o lobo frontal podem ser mais influenciados por factores externos no início da idade adulta, enquanto aqueles processados pela rede neuronal, como é o caso do mesencéfalo podem ser menos propensos a tal influência. Se isso for verdade, então pode-se afirmar que os traços representam a natureza e os valores representam criação é excessivamente simplista, porque os próprios traços parecem variar na medida em que envolvem o lobo frontal versus o meio ambiente (Parks-Leduc, Feldman & Bardi, 2015).

Assim, deve-se procurar responder primeiramente a compreensão acerca da relação da personalidade e dos valores, num segundo nível, qual das variáveis desempenha o papel moderador e qual o papel dos processos filogenéticos versus contexto ambiental (criação).

Em conclusão, entender de forma mais integrativa como é que as diferentes dimensões de personalidade e os valores estão relacionados potencia o desenvolvimento de uma visão mais compreensiva das características do indivíduo, no campo de investigação.

4.3. Conclusão

Tecer considerações finais sobre um estudo não é tarefa fácil, principalmente diante de um assunto tão complexo na qual estão envolvidas questões atinentes ao desenvolvimento da personalidade na adolescência e o papel dos valores neste processo.

Para tanto, foi exposto conhecimentos sobre o tema a partir de conceptualizações teóricas desenvolvidos por diversos autores da psicologia, onde foi possível eleger e sistematizar alguns temas que nortearam a discussão.

Apesar das limitações já expostas, acredito que este estudo tem uma importância científica na medida em que questiona a relação específica entre os valores e as dimensões de personalidade na adolescência.

Pelo exposto ao longo deste estudo, na minha opinião, foi confirmada a tese que existe uma relação entre os valores e as dimensões de personalidade em adolescentes, apesar de se considerar relevante que estudos futuros analisem as influências que os valores têm no desenvolvimento da personalidade durante o período da adolescência.

Finalizando, considero ter contribuído para a produção científica em Portugal sobre esta temática, possuindo uma abordagem diferenciada das investigações realizadas até à atualidade, uma vez que este é um dos primeiros estudos a abordar especificamente estas variáveis, baseado no modelo psicobiológico da personalidade.

Referências

- Almeida, L., & Freire, T. (2008). Metodologia da investigação em Psicologia e Educação (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Aluja, A. & Garcia, L. (2004). Relationships Between Big Five Personality Factors and Values. *Social Behavior and Personality*, 32(7), 619-626.
- Allport, G. W. (1973). *Personality: A psychological interpretation*. New York: Holt.
- Anaya, B. & Pérez-Edgar, K. (2018). Personality development in the context of individual traits and parenting dynamics. *New Ideas in Psychology*, 1-10.
- Antolín, P., Pérez, B., Liria, F. & Ramos, R. (2010). Inventario Infanto-Juvenil de Temperamento y Carácter. *Revista de Psiquiatría Infanto-Juvenil*, 4, 319-330.
- Asch, M., Cortese, S., Diaz, P. F., Pelissolo, A., Aubron, V., Orejarena, S., Acquaviva, E., Mouren, C. M., Michel, G., Gorwood, P. & Purper-Ouakil, D. (2009). Psychometric properties of a French version of the junior temperament and character inventory. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 18 (3), 144-153. doi: 10.1007/s00787-008-0713-9.
- Bardi, A., & Schwartz, S. H. (2003). Values and Behavior: Strength and structure of relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1207-1220.
- Barni, D. & Danioni, F. (2016). Adolescents' basic personal values and sense of coherence. *Personality and Individual Differences*, 102, 46-50.
- Biber, P., Hupfeld, J. & Meier, L. (2008). Personal values and relational models. *European Journal of Personality*, 22, 609-628.
- Bouchard, T. & Loehlin, J. (2001). Genes, evolution, and personality. *Behavior Genetics*, 31, 243-274.
- Bouchard, T. & McGue, M. (2003). Genetic and Environmental Influences on Human Psychological Differences. *J Neurobiol*, 54: 4-45.
- Borgotta, E. F (1964). The structure of Personality characteristics. *Behavioral Science*, 12, 8-17.
- Boer, F. & Westenberg, P. M. (1994). The Factor Structure of the Buss and Plomin EAS Temperament Survey (Parental Ratings) in a Dutch Sample of Elementary School Children. *Journal of Personality Assessment*, 62(3), 537-551.
- Campos, c e Porto J. (2010). Escala de Valores Pessoais: validação da versão reduzida em amostra de trabalhadores brasileiros. *Psyco*. 41 (2).208-213.

- Carvalho, R. & Novo, R. (2013). Características da personalidade e relacionamento interpessoal na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 12(1), 27-36.
- Carvalho, R. & Novo, R. (2014). Dimensões da personalidade e comportamentos de risco na adolescência: um estudo com a versão portuguesa do MMPI-A. *RIDEP*, 37(1), 203-222.
- Caprara, G., Alessandri, G. & Eisenberg, N. (2012). Prosociality: The contribution of traits, values, and self-efficacy beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102, 1289-1303.
- Cervone D. (2005). Personality architecture: within-person structures and processes. *Annu Rev Psychol*, 56, 423-52.
- Caprara, G. V., Vecchione, M., Schwartz, S., Schoen, H., Bain, P., Silvester, J., Cieciuch, J., Pavlopoulos, V. & Bianchi, C. (2017). Basic values, ideological selfplacement, and voting: A cross-cultural study. *Cross-Cultural Research*, 51(4).
- Cicchetti D, Toth SL. (2009). The past achievements and future promises of developmental psychopathology: the coming of age of a discipline. *Journal Child Psychol Psychiatry*, 50(1–2),16-25.
- Cloninger, C. (1987). A Systematic Method for clinical description and classification of personality variants. *Archives of General Psychiatry*, 44, 573-588.
- Cloninger, C., Przybeck, T. & Svrakic, D. (1991). The Tridimensional Personality Questionnaire: US normative data. *Psychological Reports*, 69, 1047-1057.
- Cloninger, C. & Svrakic, D. (1992). Personality dimensions as a conceptual framework for explaining variations in normal, neurotic, and personality disordered behaviour. In G. Burrows, M. Roth & R. Noyers (Eds.), *Handbook of Anxiety* (pp. 79-103). Amsterdam: Elsevier Science Publishers BV.
- Cloninger, C., Svrakic, D., Przybeck, T. (1993). A psychobiological model of temperament and character. *Archives of General Psychiatry*, 50, 975-990.
- Cloninger, C. (1994). Temperament and personality. *Current Opinion in Neurobiology*, 4, 266-273.
- Cloninger, C. R, Svrakic, N. M., Svrakic, D. M. (1997). Role of personality self-organization in development of mental order and disorder. *Development Psychopathol*, 9(4),881-906.

- Cloninger, C. (1999). A new conceptual paradigm from genetics and psychobiology for the science of mental health. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 33, 174-186.
- Cloninger, C. (2004). *Feeling good: The science of well-being*. Oxford: Oxford University Press.
- Cloninger, C. R. (2008). The psychobiological theory of temperament and character: comment on Farmer and Goldberg. *Psychological Assessment*, 20(3), 292–299.
- Cloninger, C. R., e Zohar, A. H. (2011). Personality and the perception of health and happiness. *Journal of Affective Disorders*, 128, 24-32.
- Daniel, E., Fortuna, K., Thrun, S., Cioban, S. & Knafo, A. (2013). Brief report: Early adolescents' value development at war time. *Journal of Adolescence*, 36, 651-655.
- Elias, A. (2010). *Valores sociais e dimensões de personalidade: Uma relação possível?* Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Emde, R. & Hewitt, J. (2001). *Infancy to early childhood: Genetic and environmental influences on developmental change*. New York: Oxford University Press.
- Erickson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio Janeiro Zahar.
- Faria, L. (2013). Personalidade e Reações Afetivas à Exploração de Carreira. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 33(1), 100-111.
- Ferreira, C. & Alves, P. (2011). A Personalidade e os Resultados Escolares. *Revista*
- Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação – Da Concepção à Realização*. Loures: Lusociência.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures: Lusociência.
- Ganjo, M e Peixoto, F.(2013) Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em professores. *Laboratório de Psicologia*, 11(1). 3-1.
- Garcia, D. (2012). The Affective Temperaments: Differences between Adolescents in the Big Five Model and Cloninger's Psychobiological Model of Personality. *Journal of Happiness Studies*, 13, 999-1017.
- Garcia, D, Lundström, S, Brändström, S, Råstam, M, Cloninger, CR, Kerekes, N, Nilsson, T, & Anckarsäter, H (2013). Temperament and character in the child and adolescent twin study in sweden (CATSS): comparison to the general population, and genetic structure analysis. *PLoS ONE*, 8(8): e70475 DOI 10.1371/journal.pone.0070475.

- Garcia, V., Barbero, F. & Muñoz, R. (2017). Evaluación de la jerarquía de los valores humanos de Schwartz en la adolescencia: diferencias de género e implicaciones educativas. *Revista Brasileira de Educação*, 22(68), 123-146.
- Gleitman, H., Fridlund, A. & Reisberg, D. (2003). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gleitman, H., Fredlund, A.J. & Daniel, R. (2003). *Psicologia*. (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Gregory, R. J. (2004). *Psychological testing: history, principles, and applications*. (4th ed.). Boston: Pearson.
- Goldberg, L. R. (1993). The structure of phenotypic personality traits. *American Psychologist*, 48, 26-34.
- Godoy, P. & Oliveira-Monteiro, N. (2015). Estudo sobre Valores em Adolescentes. *Psico*, 46(3), 400-408.
- Gonzalez, B. & Ribeiro, J. (2004). Comportamentos de Saúde e Dimensões de Personalidade em Jovens Estudantes Universitárias. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(1), 107-127.
- Gouveia, V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. (Tese de Doutorado). Madrid: Faculdade de Psicologia, Universidade Complutense de Madrid.
- Gouveia, V. (2013). Teoria funcionalista dos valores. In V. Gouveia (Ed.), *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas* (pp. 111-160). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V., Meira, M., Gusmão, E., Filho, M. & Souza, L. (2008). Valores humanos e interesses vocacionais: um estudo correlacional. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 603-611.
- Gouveia, V., Milfont, T. & Guerra, V. (2014). Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, 60, 41-47.
- Hanel, P. & Wolfardt, U. (2016). The 'dark side' of personal values: Relations to clinical constructs and their implications. *Personality and Individual Differences*, 97, 140-145.
- Hansenne, M. (2003). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.

- Hernandez, D., Arango, I. & Quintana, M. (2012). La formacion de valores de la juventud de nuestros dias. *Revista Cubana de Higiene e Epidemiologia*, 50(3), 427-437.
- Hernández, J. & Mateo R. (2012). Indications of virtues in conscientiousness and its practice through continuous improvement. *Business Ethics: A European Review*, 21(2), 140-153.
- Hinz, A., Brähler, E., Schmidt, P., & Albani, C. (2005). Investigating the circumplex structure of the PVQ. *Journal of Individual Differences*, 26, 186-193.
- Hirschi, A. (2008). Personality complexes in adolescence: Traits, interests, work values, and self-evaluations. *Personality and Individual Differences*, 45, 716-721.
- Hitlin, S., & Piliavin, J. A. (2004). Values: Reviving a dormant concept. *Annual Review of sociology*, 30, 359-393.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Krzeczkowski, J. & Lieshout, R. (2018). Prenatal influences on the development and stability of personality. *New Ideas in Psychology*, 1-10.
- Kerekes, N, Brändström, S, Lundström, S, Rastam, M, Nilsson, T, Anckarsäter, H. (2013). ADHD, autism spectrum disorder, temperament, and character: phenotypical associations and etiology in a Swedish childhood twin study. *Comprehensive Psychiatry*, 54(8):1140–1147 DOI 10.1016/j.comppsy.2013.05.009.
- Kose, S. (2003). A psychobiological Model of Temperament and Character: TCI. *Yeni Symposium*, 41 (2), 86-97.
- Lombardo, G., P. & Foschi, R. (2003). The concept of Personality in 19th-century French and 20th-century american Psychology. *History of Psychology*, 6(2), 123-142. doi: 10.1037/1093-4510.6.2.123
- Langenhof, M., Komdeur, J. & Oldehinkel, A. (2016). Effects of parenting quality on adolescents' personality resemblance to their parents. The TRAILS study. *Journal of Adolescence*, 51, 163-175.
- Lee, J., Ye, S., Sneddon, J., Collins, P. & Daniel, E. (2017). Does the intra-individual structure of values exist in young children? *Journal Personality and Individual Difference*, 110, 125-130.

- Lopes, P., Barreira, D. & Pires, A. (2001). Tentativa de Suicídio na Adolescência: Avaliação do Efeito de Género na Depressão e Personalidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(1), 47-57.
- Lourenço, O. (2002). *Psicologia de desenvolvimento moral: teoria, dados e implicações*. Coimbra: Almeida.
- Lundgren, T., Luoma, J., Dahl, J., Strosahl, K., & Melin, L. (2012). The bull's-eye values survey: A psychometric evaluation. *Cognitive and Behavioral Practice*, 19(4), 518-526.
- Maia, B. (2011). Perfeccionismo e Depressão Pós-Parto. (Tese de Doutoramento). Coimbra: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; FCT; QREN.
- Marques, C., Silva, A. & Taveira, M. (2017). Valores como Preditores da Satisfação com a Vida em Jovens. *Psico-USF*, 22 (2), 207-215.
- Marques, R. (1998). *Ensinar valores: Teorias e Modelos*. Porto: Porto Editora.
- Marques, R. (2003). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- Maslow, A.H. (1970). *Motivation and personality*. (2nd ed.). New York: Harper & Row.
- Matos, M., Gonçalves, A. & Gaspar, T. (2004). Adolescentes estrangeiros em Portugal: Uma questão de saúde. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(1), 74-85.
- McCrae, R. & Costa, P. (2008). The five factor theory of personality. In O. John, W. Robins & L. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research*. New York: Guilford Press.
- Montero, I. & León, O. (2007). A Guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847-862.
- Morgado, A. & Dias, M. (2016). Comportamento Antissocial na Adolescência: O Papel de Características Individuais num Fenómeno Social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(1), 15-22.
- Moreira, P., Crusellas, L., Sá, I, Gomes, P., & Matias, C. (2010). Evaluation of manual based programme for the promotion of social and emotional skills in elementary school children: results from a 4-year study in Portugal. *Health Promotion International*, 25(3), 309-317. doi:10.1093/hpro/daq029.
- Moreira, P., A., Oliveira, J., T., Cloninger., K., M., Azevedo, C., Sousa, A., Castro, J., & Cloninger, C., R. (2012). The psychometrics and validity of the junior temperament and character inventory in Portuguese adolescents. *Comprehensive Psychiatry*, 53, 1227-1236.

- Moreira, P., Cloninger, C., Rocha, M., Oliveira, J., Ferreira, N., Gonçalves, D., Rózsaa, S. (2017). The Psychometrics of the European Portuguese Version of the Temperament and Character Inventory – Revised. *Psychological Reports, 0(0)*, 1-21.
- Moreira, P., Cloninger, C., Dinis, L., Sá, L., Oliveira, J., Dias, A. & Oliveira, J. (2015). Personality and well-being in adolescents. *Frontiers in Psychology, 5*, 1-15.
- Mota, C. & Oliveira, I. (2017). O suporte social e a personalidade são significativos para os objetivos de vida de adolescentes de diferentes configurações familiares? *Análise Psicológica, 4(XXXV)*, 425-438.
- Norman, W. T. (1963). Toward and adequate taxonomy of Personality attributes: replicated factor structure in peer nomination Personality ratings. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 66*, 574-583.
- Nunes, M. & Noronha, A. (2009). Relações entre interesses, personalidade e habilidades cognitivas: um estudo com adolescentes. *Psico-USF, 14(2)*, 131-141.
- Olver, J. M., & Mooradian, T. A. (2003). Personality traits and personal values: A conceptual and empirical integration. *Personality and Individual Differences, 35*, 109-125.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) (2011). *Código Deontológico*. Diário da República: II série, Nº 246/2.
- Palma, M. (2012). *Aprosecução dos Estudos: O pale da Personalidade na Tomada de Decisão*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: ISPA.
- Parks, L. & Guay, R. (2009). Personality, values and motivation. *Personality and Individual Differences, 47*, 675-684.
- Parks-Leduc, L., Feldman, G., & Bardi, A. (2015). Personality Traits and Personal Values: A Meta-Analysis. *Personality and Social Psychology, 19* (1), 3-29.
- Pervin, L. (2001). A Dynamic Systems Approach to Personality. *Psyjournals and Psycarticles, 6*, 172-176.
- Porto, J. & Tamayo, A. (2007). Estrutura dos Valores Pessoais: a Relação Entre Valores gerais e laborais. *Psicologia: Teoria e pesquisa, 23* (1).
- Roccas, S., Savig, L., Schwartz, S. H., & Knafo, A. (2003). The Big Five personality factors and personal values. *Personality and Social Psychology Bulletin, 28*, 789-801.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York, NY: The Free Press.

- Salles, L. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, 22(1), 33-41.
- Sandy, C. J., Gosling, S. D., Schwartz, S. H., & Koelkebeck (2017). The Development and Validation of Brief and Ultrabrief Measures of Values. *Journal of Personality Assessment*, 99 (5), 545-555.
- Santos, M. T., & Flores-Mendoza, C. E. (2012). Adaptação do Eysenck Personality Questionnaire Júnior para Pré-Escolares – Versão Heterorrelato. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 203-212 56
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Editora Universidade Lusíada.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550-562.
- Schwartz, S. (1992). Universal in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advanced in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.
- Schwartz, S. & Boehnke, K. (2004). Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality*, 38, 230–255.
- Schwartz, S. H. (2005). *Basic human values: Their content and structure across countries*. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações [Values and behavior in organizations]* (pp. 21-55). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Schwartz, S. H. (2006a). Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? In M. Ross & V. V. Gouveia (Eds.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 55-85). São Paulo: Editora Senac.
- Schwartz, S. H. (2006b). Basic human values: Theory, measurement, and applications. *Revue française de sociologie*, 47, 249-288.
- Schwartz, S. (2011). Studying values: Personal adventure, future directions. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42, 307-319.
- Schwartz, S. H. (2012). An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1). <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1116>

- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., Konty, M. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(4), 663-688.
- Schwartz, S., Caprara, G., Vecchione, M., Bain, P., Bianchi, G., Caprara, M., Cieciuch, J., Kirmanoglu, H., Baslevant, C., Lönnqvist, J., Mamali, C., Manzi, J., Pavlopoulos, V., Posnova, T., Schoen, H., Silvester, J., Taberner, C., Torres, C., Verkasalo, M., Vondráková, E., Welzel, C. & Zaleski, Z. (2013). Basic Personal Values Underlie and Give Coherence to Political Values: A Cross National Study in 15 Countries. *Political Behavior*, 36(4), 899-930.
- Schwartz, S. (2014). Functional theories of human values: Comment on Gouveia, Milfont and Guerra (2014). *Personality and Individual Differences*, 68, 247-249.
- Serra, J. (2006). Carácter e Temperamento: Similitudes y Diferencias entre los Modelos de Personalidade de 7 y 5 Factores. Tese de Doutoramento em Personalitat, Avaluació i Tractament Psicològic. Universitat de Lleida.
- Shiner, R. & Caspi, A. (2003). Personality differences in childhood and adolescence: measurement, development, and consequences. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 44(1), 2-32.
- Silva, P. (2018). *Preditores da metacognição: estudo exploratório com estudantes do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Portucalense.
- Sprinthall, N. & Collins, A. (1994). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa. fundação Calouste Gulbenkian.
- Strack, M. & Dobewall, H. (2012). The value structure in socioeconomically less developed European countries still remains an ellipse. *Europe's Journal of Psychology*, 8, 587-602.
- Svrakic, N., Svrakic, D. & Cloninger, C. (1996). A general quantitative theory of personality development: fundamentals of a self-organizing psychobiological complex. *Development and Psychopathology*, 8, 247-272.
- Svrakic, D. M., Przybeck, T. R., Cloninger, C. R. (1991). Further contribution to the conceptual Validity biosocial model of Personality: US and Yugoslav data, *Comprehensive Psychiatry*, 32, pp. 195-209.
- Svrakic, D.M., Whitehead, C., Przybeck, T.R. & Cloninger, C.R. (1993). Differential diagnosis of Personality disorders by the seven-factor model of temperament and character. *Archives of General Psychiatry*, 50, 991-999.

- Tackett, J. (2006). Evaluating models of the personality–psychopathology relationship in children and adolescents. *Clinical Psychology Review*, 26, 584-599.
- Tamayo, A e Schwartz, S (1993). Estrutura motivacional de valores. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 9 (2), 329-348.
- Van Ijzendoorn, M. & Bakermans-Kranenburg, M. (2012). Intergrating temperament and attachment: The differential susceptibility paradigm. In M. Zentner & R. Shiner (Eds.), *Handbook of temperament* (pp. 403-424). New York: Guilford Press.
- Veccione, M., Schwartz, S., Alessandri, G., Doring, A., Castellani, V. & Caprara, M. (2016). Stability and change of basic personal values in early adulthood: An 8-year longitudinal study. *Journal of Research in Personality*, 63, 111-122.
- Veríssimo, R. (2008). Modelo Psicobiológico da Personalidade: dimensões de temperamento e carácter. *Arquivos de psiquiatria*, 1/2, 61-73.
- Vangberg, H. C. B., Eisemann, M., Waterloo, K., Richter, J., Rozsa, S., & Cloninger, C. R. (2013). The Norwegian Junior Temperament and Character Inventory (JTCI): An assessment of its psychometric properties. *Comprehensive Psychiatry*, 54(7), 904-910.
- Warren, M. & Wray-Lake, L. (2017). Does mindfulness prepare adolescents for value-behavior concordance? Examining the role of value content. *Journal of Adolescence*, 58, 56-66.